

11ª REUNIÃO GMP DA RESOLUÇÃO CONAMA 362/05, REALIZADA EM 13 DE MAIO DE 2008

Período da Manhã

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Podemos começar. Primeiramente, bom dia a todos. É um prazer estar de novo nesta Casa da FIESP. Nós estamos ausentes desde dezembro. Fizemos em Brasília a nossa 10ª Reunião Ordinária deste GMP. E agora no mês de abril fizemos a nossa 1ª Oficina de Capacitação na Resolução Conama nº 362/2005 em Goiânia.

A pauta que propus é essa na tela. Eu vou fazer uma pequena modificação aqui nela, porque nos foi solicitado pela Supply Service que abrissemos espaço para alguns comentários que eles desejam fazer. Depois eu vou ler o ofício encaminhado pela Supply ao Ministério do Meio Ambiente. Mas neste momento eu vou conversar umas coisas antes. E depois eu anuncio o momento certo para o pessoal da Supply. OK?

Antes de mais nada, apesar de já nos conhecermos bastante, vamos fazer as nossas apresentações.

O Meu nome é Edmilson Costa. Sou do Ministério do Meio Ambiente, da Gerência de Resíduos Perigosos e Tecnologias Limpas e da Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental do Ministério do Meio Ambiente.

TAÍS PITTA COTTA – Bom dia. Meu nome é Taís Cotta. Sou Gerente de Resíduos Perigosos e Tecnologias Limpas do Ministério do Meio Ambiente.

FABIANO LOPES – Bom dia. Fabiano Lopes, da Elabore.

RUY RICCI – Bom dia. Ruy Ricci, do Sindilub, Diretor Executivo.

RICARDO BAPTISTA – Bom dia. Ricardo Baptista, do Sindicom.

CELMA DOS ANJOS – Bom dia. Meu nome é Celma e sou representante da Anamma no GMP.

JOÃO BOSCO – Bom dia a todos. Meu nome é João Bosco. Sou da Diretoria de Qualidade Ambiental do Ibama, em Brasília.

CARMEM NIQUEL – Carmem Níquel. Engenheira Química da Fepam. Represento a Abema no GMP.

RUTH TABACZENSKI – Ruth Tabacznski, Assessora Técnica do Departamento de Apoio ao Conama.

GERALDO MAGELA DE ARAÚJO – Bom dia a todos. Eu sou Geraldo Magela de Araújo. Estou representando o Simepetro e sou Diretor do Sindicato.

WALTER FRANÇOLIN – As minhas saudações. O meu nome é Walter Françolin. Eu sou Diretor Executivo do Sindirrefino.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Bom dia a todos. José Alberto. Sindirrefino.

JOSÉ ROBERTO GODOY – Bom dia a todos. Meu nome é José Roberto Godoy, do Sindipetro, Diretor Administrativo.

EVALDO BATISTA – Bom dia a todos. Meu nome é Evaldo Batista. Eu sou Advogado da Supply Service.

DAVID ANDRADE – Bom dia a todos. Meu nome é David Andrade. Sou Sócio-Administrador da Química Industrial Supply, Supply Service.

HASSAN SOHN – Bom dia. Hassan Sohn. Da Apromac.

ZULEICA NYCS – Bom dia. Meu nome é Zuleica Nycs. Eu sou representante aqui da Apromac, das ONGs Ambientalistas neste grupo.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tentando dar uma certa agilidade aí, o pessoal que me conhece mais, é o seguinte. Eu vou antecipar o item 2, para que retornemos aos informes. Vou fazer a pergunta que é clássica. Alguém tem alguma coisa a dizer sobre a transcrição da 10ª Reunião Ordinária. Deseja registrar alguma modificação, sugestão. (Pausa.) Eu já a considero aprovada.

Gostaria de ressaltar para vocês que tenho feito um crivo nas transcrições, de repente sempre tem alguns erros, algumas menções que não são de bom grado ficar no *site* do Ministério. Se esse comportamento não estiver indo bem, depois vocês no devido momento me digam.

Porque eu notei, na sétima transcrição, que algumas coisas não poderiam vir, tipo alguns comentários que fazemos aqui, *en passant*. Mas se esse procedimento não estiver indo bem, é só me dizer que nós voltamos ao esquema antigo.

Outra coisa ainda é informar que eu continuo com a deficiência de fazer as atas de todas as reuniões. Eu vou pedir à minha Gerente aqui que me ajude a conseguir alguém, porque nós estamos em débito, a coordenação, porque estamos só trazendo as transcrições e não estamos fazendo as atas.

Na seqüência desses informes, os que estão registrados comigo para ocorrerem aqui é a solicitação do pessoal da Suplly e a Carmem Níquel, que tem algumas colocações também para fazer de um assunto.

Então, antes de passar a palavra para a Supply, o pedido é feito, eu vou ler o ofício que ela nos enviou. (Nota da Taquigrafia: é lido ofício da Química Industrial Supply Ltda enviado ao Sr. Edmilson Rodrigues Costa.)

Notoriamente foi aceito o pedido. Abri como Coordenador este espaço para que seja feita a apresentação.

E eu acertei com o Paulo, David, um tempo de 20 minutos para que vocês façam a exposição. Eu tenho um relóginho de bolso, que o pessoal aqui já conhece, quando estiver faltando uns 3 minutos, eu vou balançá-lo assim, só para dar uma segurança aí. Fique à vontade.

DAVID ANDRADE – Edmilson, muito obrigado por nos conceder esta oportunidade de aqui estar prestando esclarecimentos, pretendemos prestar esclarecimentos.

O que nos traz aqui é exatamente como colocamos no ofício que lhe fizemos. E eu trouxe uma apresentação, não sei se é possível colocá-la, mas para demonstrar um pouco...

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – É possível sim.

DAVID ANDRADE – ...do nosso trabalho.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Eu pediria, o que é? É um CD?

DAVID ANDRADE – É.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Ah! Beleza.

O senhor poderia se aproximar? O computador está aqui. E o que o senhor precisar passar e tal, eu passo aqui pelo mouse. Mas enquanto eles preparam, o senhor pode.

DAVID ANDRADE – Enquanto isso, eu vou continuar aqui.

Eu trouxe uma encadernação com uma carta de esclarecimento, com as nossas licenças, com tudo aquilo que nós cremos ser necessário para atuar na nossa atividade. E de forma como as licenças, alvarás e documentações são obtidos.

Eu tenho notado, pela leitura das atas deste grupo, que vocês têm feito um trabalho grande de orientação de licenciamento de empresas. Então, isso de certa forma até coloca muitas coisas necessárias às atividades desse segmento de mercado. (É iniciada a leitura do referido documento.)

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Senhor David, o senhor quer que eu passe alguns dos *slides*?

DAVID ANDRADE – Primeiramente vou ler esta carta.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tudo bem. Desculpe. Continue.

DAVID ANDRADE – Depois vêm as fotos. (Nota da Taquigrafia: É lido ofício de 13 de maio de 2008, dirigida aos Membros do Grupo de Monitoramento Permanente da Resolução Conama nº 362/05, constante de fls. 1/7 do encarte oferecido aos membros do Grupo.)

Eu não vou ler todos, cada um vai receber um *book* com todas as licenças que também estão lá, mas todas as licenças, autorizações, registros, NS, tudo o necessário à atividade constam aqui. (É feita a leitura.)

Termino assinando o documento que acabei de ler. Entreguei um *book* deste a cada um dos senhores presentes. Se possível, ainda gostaria de passar os *slides* sobre “Nossos Recursos”. Por favor, avisem-me do tempo.

Estamos vendo, em “Nossos Recursos”, uma vista aérea da nossa empresa, demonstrando que temos absoluto controle sobre o que entra e o que sai; que temos balança rodoviária para 80 toneladas; caminhões devidamente identificados na frente, na traseira, em cima e até embaixo, ou seja, se ele tombar até embaixo vai-se poder saber de quem é o veículo. Também temos as carretas de aço inox de 30 metros cúbicos; caminhões de coletas de cidades que são caminhões pequenos para a coleta de lubrificantes – e todos devidamente cadastrados na ANP. Temos veículos-carroceria, que é uma coisa que creio que somente a nossa empresa possui, porque a própria resolução prevê que os lubrificantes devem ser separados, segregados de forma a não se contaminarem. No caso de Indústria, coletamos em tambores com esse tipo de caminhão. Aqui vemos caminhões-plataforma para empresas que sequer possuem empilhadeiras.

A nossa atividade de coleta nos portos também é feita com veículos de um departamento à parte, como esse que aí está.

Esses outros são veículos para as coletas de frascos vazios usados em lubrificantes e filtros usados em lubrificantes.

Aqui estamos vendo o nosso descarregamento de material com coleta dos gases eventualmente presentes nos materiais que coletamos. Tudo é captado e tratado.

Estamos vendo um lavador de gases de 45 mil metros cúbicos/hora com um motor de 130 HP, que opera 24 horas/dia.

Nossos tanques externos de armazenagem. Também temos bastante internos.

Este é um aquecedor de fluido térmico de dois milhões de calorías; um decanter trifásico para a separação de água, óleo e resíduo sólido.

O nosso Centro de Tratamento de Borrás Oleosas de Emulsão Inversa; Tratamento de Emulsões com Coleta de Gases. Os gases gerados no processo são todos coletados; a Unidade de Ultra-Filtração para tratar da água proveniente de lubrificantes ou dos óleos e borras.

A Unidade de Regeneração de Óleos – e isso já depois de tratado. Essa é a parte da destilação e filtragem.

O Tratamento e Clarificação do Óleo Rerrefinado.

Um reator de destilação dos leves, do Oluc. No caso, os leves não vêm da separação dos óleos leves, médios e pesados. Chamo de leves um pouco de gasolina, solventes principalmente os industriais.

Um decantador de Oluc depois de devidamente seco é acidulado. É o processo de borra ácida. Um flotador a ar depois é dissolvido. Filtro-prensa para a clarificação e neutralização dos óleos.

Aqui está o nosso sistema para combate a incêndio, pois a nova legislação diz que quem tiver mais de dois mil litros de lubrificantes dentro da empresa tem que ter um sistema de combate com espuma. Esse é mais um dos itens que pode ser adicionado nas orientações de licenciamento.

Bomba com motor à explosão, um gerador de energia elétrica.

Os nossos equipamentos de última geração e é a absorção atômica para a análise de metais em óleos; uma capela química.

Esse é um *rack*, pois todo o óleo que recebemos é testado quanto à possibilidade de rerrefiná-lo ou não.

Aqui vemos: o nosso centro administrativo da fábrica; o auditório para treinamento na fábrica; o refeitório da fábrica.

Há alguns trabalhos diferenciados que realizamos.

Provavelmente esta é a coleta de um dia de trabalho, quando o material chega em caçambas pequenas, em tambores e são despejados em uma caçamba maior para serem desmontados.

A quantidade de óleo a que me refiro que existe dentro dos filtros somente no estado em que está, apenas no fato de se transportar, de se condicionar não foi aberto, não teve retirado o óleo. Olhem para a quantidade de óleo existente aí que ele pode soltar.

Aqui vemos um filtro usado antes do depósito de escoamento natural.

Mostrando um outro *slide*, furamos o filtro para mostrar o óleo que não consegue mais soltar naturalmente, ou seja, o quanto de óleo que é retirado de dentro de um filtro.

Ele desmontado e o primeiro passo é a desmontagem dele na máquina. Ele desmontado totalmente, sendo que os metais serão enviados às siderúrgicas. O papel filtrante, a celulose, o elemento filtrante vai ser incinerado em fábricas de co-processamento, como o co-processamento em indústrias cimenteiras. A mola também é metal. Aquele anel de vedação e o núcleo plástico também vão para o co-processamento.

Uma outra fonte de obtenção de óleo contaminado, usado refere-se às caixas separadoras dos postos de serviços, indústrias concessionárias.

Aqui vemos uma caixa à qual fazemos limpeza. Depois da água succionada, toda borra, toda sujeira, toda terra aflora juntamente com o óleo – e é o que estamos vendo agora.

Assistimos o caminhão fazendo a limpeza e a sucção simultâneas. Agora a caixa devidamente limpa. Levamos tudo isso para a nossa empresa e lá vamos separar os resíduos sólidos da água e do óleo.

Vemos uma unidade móvel de ultrafiltração. Esse é um equipamento que vai até o cliente para fazer o serviço *in loco*. É a mesma unidade com a forma como viaja protegida por um *cyber*.

Agradeço, mas praticamente esses são os “Nossos Recursos” e era isso o que gostaria de mostrar a todos os senhores exatamente para passar a idéia a quem não nos conhece de como é a nossa fábrica.

Nesse caderno que vou passar a todos os senhores agora, temos o que a legislação prevê em termos de MTR, certificados de coleta, envelopes de transporte, fichas de segurança, porque cumprimos exatamente o que diz a lei, embora acharmos que é absurdo um caminhão sair para coletar e ter meia carga de documentos: um só para cada coleta.

Então, se perguntas houver e se houver tempo estamos à disposição de todos os senhores.

Muito obrigado pela atenção de todos os senhores: pela oportunidade, Coordenador Edmilson Costa.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Senhor David, vou passar a palavra para quem deseja interpelá-lo, mas antes de mais nada digo-lhe o seguinte: como Coordenador, pretendo analisar direitinho todas as considerações. O que houve para se corrigir com relação à indevida menção em reuniões anteriores farei propostas para enfim corrigir isso.

Sobre o Relatório do Conama, da não informação, vou lhe passar um informe, porque o primeiro relatório foi montado de uma forma equivocada, muito centralizado no Coordenador do Ministério.

Neste ano, resolvi abrir o relatório para o Grupo de Monitoramento no sentido de que todos participem.

Vou levar em consideração e analisar a sua observação transcrita aqui na reunião. A devida correção que se precisar fazer dentro do Conama, eu a farei e enviarei ao Conama.

Agora, foram citados o Sindirrefino, a Apromac e a ANP.

Vou passar a palavra aos seus representantes. A Apromac se posicionou primeiramente.

HASSAN SOHN (Apromac) – Antes de mais nada, já que foi citada a Ação Civil Pública da Apromac e coincidentemente sou o advogado que está à frente dessa ação, gostaria de prestar alguns esclarecimentos. Aliás, vou fornecer uma cópia da inicial dessa ação para todos os membros do grupo, para que tomem conhecimento, até porque foi citada, acho pertinente. Gostaria de esclarecer o seguinte. A ação civil pública foi intentada não dizendo que a Supply presente estaria cometendo algum dano ambiental, mas simplesmente requerendo o envio de informações. Por quê? Porque nós oficiamos à Supply e eles simplesmente ignoraram os nossos ofícios. Fomos obrigados, então, a entrar com uma ação civil de caráter acautelatório para requerer que fosse enviada cópia da documentação de envio de óleo aos rerrefinadores, porque na época eles não tinham autorização para rerrefino.

Infelizmente, contrariamente ao discurso de transparência, a empresa se recusou a fornecer. Disse na ação que a sociedade civil não tem o direito de saber as informações de caráter público. Infortunadamente, (57:12) como foi mencionado, o Juiz de Tapiraí entendeu que não seria o caso de a Apromac questionar, mas sim o Ministério Público. Isso ainda está sendo discutido. Não vou entrar no mérito do entendimento do Juiz aqui, até porque o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo está analisando a questão. Mas eu já deixo aqui o convite para a Supply, já que ela está imbuída de tão boa vontade de esclarecer e tornar as coisas transparentes, para que forneça as informações pedidas na ação civil pública, que eu tomarei a liberdade de ler aqui, para que não pare a menor dúvida de que são informações de caráter público e são informações que não têm nada a ver com o mercado, com fornecedores etc. e tal. Não há sigilo comercial. Não há sigilo industrial. Até porque a Apromac, que é um pouquinho mais velha do que a Supply nessa história de salvar o Meio Ambiente, ela não está aqui, e em nenhum de seus foros políticos de atuação, seus foros ambientalistas de nascença pretendendo prejudicar uma empresa ou outra. Muito pelo contrário. Nós gostaríamos que todas as empresas tivessem consciência ambiental, que todas as empresas trabalhassem para a melhoria do Meio Ambiente. Quiçá inventassem metodologias industriais menos poluentes, processos que resolvessem a poluição já instalada, resolvessem os passivos ambientais.

Então o nosso interesse não é que uma ou outra empresa tenha algum prejuízo de mercado. O nosso interesse é que as empresas sejam conscientes. E faz parte dessa consciência as empresas perceberem que a população tem, sim, o direito de saber. A população quer saber por que você olha que olha, tem um monte de caminhão entrando, um monte de caminhão saindo. Você sabe se eles estão levando alguma espécie de óleo ou material perigoso lá para dentro? E as pessoas querem ter segurança. Caberia às empresas dar essa segurança para a população.

Mas, enfim, vou ler aqui o que nós pedimos que o Juiz solicitasse que a Supply fornecesse nos autos, com a presença do Ministério Público como fiscal, para evitar que houvesse algum excesso:

1 – Os volumes totais de óleo lubrificante usado/contaminado que tenha coletado, mês a mês, referente aos últimos 5 anos, indicando os produtores aos quais os mesmos foram atribuídos.

Veja, eu não estou dizendo aqui de quem vocês pegaram. Estou dizendo o seguinte, a quais empresas importadoras e produtoras de óleo lubrificante vocês estão atribuindo essa coleta que vocês efetuaram? Aliás, não estou perguntando preço, não estou perguntando nada.

2 – Os volumes totais de óleo lubrificante ou contaminado encaminhados ao rerrefinadores, mês a mês, referentemente aos últimos 5 anos, indicando nome o CNPJ dos alegados receptores.

Não estou perguntando preço. Estou perguntando quantidades. Aliás, o documento são informações de caráter público. Vocês têm de fornecer isso para um órgão público.

Aí eu pedi que fosse oficiado à Agência Nacional de Petróleo para que eles fornecessem as mesmas informações, para que nós cruzássemos dados na ação, justamente para afastar aquela péssima impressão que nós tínhamos, claro porque houve uma denúncia anônima, e eu vou proteger esse anonimato, porque até não sei quem foi que fez a denúncia, para que pudéssemos comparar um dado com outro. A empresa forneceu o dado. A ANP forneceu o dado. Está igual, está ótimo. Nada mais a comentar.

Infelizmente a empresa se mostra renitente e não quer fornecer.

Mais uma vez peço aqui que, já que querem apresentar transparência, que apresentem no GMP então essas informações.

Eu gostaria de fazer várias perguntas ainda à Supply. Mas como já me estendi um pouquinho e têm outras entidades que foram citadas e que certamente quererão falar, eu vou-me dar o direito de fazer as perguntas mais tarde, se houver oportunidade aqui nesta reunião. OK?

Volto a dizer. Vou disponibilizar a inicial da ação civil pública. Se alguém tiver interesse também na apelação, na cópia integral, na defesa apresentada, eu posso fornecer cópia integral do processo, se alguém desejar. OK? Obrigado.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Edmilson, Coordenador do GPM. Particularmente, eu me interessava porque entendo o seguinte, principalmente Sr. David. Eu estou aqui desde a 7ª Reunião, a qual o senhor menciona, foi o momento em que me foi transferida a coordenação. Então, vamos dizer numa linguagem assim, eu passei batido na história.

Mas eu venho acompanhando a história dessa Resolução, mais depois da efetivação do Grupo de Trabalho pela Ministra Marina Silva, eu não vejo a Resolução Conama como uma reserva de mercado de rerrefino, inclusive porque no seu artigo 3º ali é colocado que se o órgão ambiental entender que quer licenciar empresas que tenham processos tais ou melhores do que o rerrefino, não há nenhum problema. Há uma autonomia do órgão ambiental. Então, antes de mais nada, a minha compreensão é esta.

Eu vou passar agora, não sei quem quer falar primeiro, o Sindirrefino ou a ANP? (Pausa.) Por favor.

TATIANA PETRICORENA – Eu não tenho condições de falar porque cheguei agora.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tudo bem. Sindirrefino.

WALTER FRANÇOLIN – Bom dia.

Parece-me que a grande insurgência da Supply está relacionada basicamente com a citação de um determinado sindicato de coleta.

DAVID ANDRADE – Não necessariamente.

WALTER FRANÇOLIN – E observo que na relação aqui da matéria aqui exposta pelo Sr. David, ele cita aqui o rerrefino como entidades ou os rerrefinadores como que negligenciando na atividade de coleta de filtros. Eu vou fazer a leitura do trabalho aqui:

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – O seu microfone não está ligado. (Pausa.)

WALTER FRANÇOLIN – Bom! Então retomando. Eu vou fazer a leitura de um determinado trecho que foi citado aqui em que a Supply afirma o seguinte:

"Nosso trabalho compreende também a coleta de frascos e filtros contendo óleo lubrificante, atividade esta extremamente importante para o meio ambiente, mas que é categoricamente negligenciado pelos rerrefinadores e, ao que parece, é um problema que ainda não chamou a devida atenção de algumas ONGs."

Eu não sei a leitura me conduz à interpretação do o que é categoricamente negligenciado pelos rerrefinadores é a atividade de coleta ou se é a atividade de coleta de filtros e embalagens.

"O nosso trabalho compreende também, ou seja, além da coleta, também compreende a coleta de filtros contendo óleo lubrificante, atividade esta extremamente importante, ou seja, tanto a primeira quanto a segunda, mas que é categoricamente negligenciado pelos rerrefinadores e, ao que parece, é um problema que ainda não chamou a devida atenção de algumas ONGs."

Se a afirmação é a de que a coleta de óleos lubrificantes usados tem sido negligenciada pelos rerrefinadores, eu devo dizer que não é uma verdade absoluta.

E também não é negligenciada pelos rerrefinadores a coleta de filtros e de eventuais embalagens, porque a atividade de rerrefino não faz coleta de embalagens. Não é de responsabilidade do rerrefinador esse tipo de atividade.

Aliás, também não seria da própria Supply já que ela se qualifica como rerrefinadora.

Provavelmente a Supply está agregando à sua atividade uma segunda opção ou um complemento à sua linha de atuação. Mas isso não dá a ela autorização e poderes para dizer que o outro setor que assim não o faz estaria negligenciando na coleta de embalagens. As embalagens é um produto do produtor. O filtro não é um problema do rerrefinador, mesmo porque também não é nem objeto da Regulamentação da 362. A 362 trata exclusivamente do óleo lubrificante. A embalagem é um problema que está hoje, e está aqui a Dra. Taís que pode-

me confirmar, as embalagens é fruto de um estudo dentro de um Grupo de Trabalho do Conama, que estaria regulamentando a atividade de coleta de embalagens. Estou certo?

TAÍS PITTA COTTA – Vai começar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – É isso mesmo.

WALTER FRANÇOLIN – Muito bem.

Então é uma situação que sequer está regulamentada e acho que a atividade de rerrefino não pode ser acusada de estar negligenciando em estar coletando filtros e embalagens.

Observo na seqüência, Sr. David, que existe aqui uma afirmativa de que nos 16 anos de atividade da sua empresa o senhor teria coletado óleo lubrificante usado ou contaminado da ordem de 15 milhões de litros. Então isso daria aproximadamente...

DAVID ANDRADE – 1 milhão por ano.

WALTER FRANÇOLIN – 1 milhão de litros por ano, 1 milhão de litros-ano. E 1 milhão de litros-ano daria 300.000 litros, daria menos de 100.000 litros-mês...

DAVID ANDRADE – 80.000 litros.

WALTER FRANÇOLIN – 80.000 litros de óleo lubrificante-mês.

Em contrapartida, o senhor tem uma coleta expressiva de emulsão oleosa.

A emulsão oleosa tem, salvo engano, 90 a 95% de água, e talvez 2 ou 3, no máximo 5% de lubrificante. Está correto? (Pausa.)

A produção em termos de 15 milhões de litros de óleo usado geraria aproximadamente uns 10 milhões de litros de óleo básico rerrefinado. Estou correto? (Pausa.)

O produto da reciclagem, digo do rerrefino do óleo lubrificante usado, o senhor conhece bem a legislação e sabe que ele só pode ser vendido a uma empresa misturadora de óleo lubrificante. Está correto? (Pausa.) Está.

O senhor teria informações de quantos litros de óleo básico rerrefinado a Supply vendeu ao longo desses 16 anos?

DAVID ANDRADE – Tenho, não exatamente aqui, mas tenho registrado e informado à ANP...

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Senhor David, toda vez que for falar o senhor fale seu nome, porque se não quem transcreve não consegue saber quem é.

DAVID ANDRADE – David Andrade, da Supply Service, respondendo a pergunta do Dr. Walter Françolin. Nós temos, sim, essa informação de quantos litros de óleo básico rerrefinados foram produzidos, quantos foram vendidos, para quem foi vendido, e tudo isso devidamente informado à ANP, conforme reza a própria Resolução.

WALTER FRANÇOLIN – Então me parece que a grande preocupação, se era com relação à atividade de rerrefino em não realizar a coleta de embalagens e filtros, parece-me que ela foi esclarecida. Se a Supply está fornecendo à ANP as informações a quem tem sido vendido os óleos básicos, eu vou então passar a palavra à ANP.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tatiana, se você não se sentir à vontade...

TATIANA PETRICORENA – Não. Eu vou falar o que eu acho.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes de você falar. Se você não se sentir à vontade por não ter ouvido, fique tranqüila. A Supply veio, ela está no item de informes, ela não estava na nossa pauta, pediu para participar. E nós pretendemos falar sobre todas as providências, e depois eu vou comentar sobre isso.

TATIANA PETRICORENA – Desculpa, David. Eu não sabia que você vinha. Eu venho do Rio agora e não consegui chegar a tempo. Não sei o que você falou da ANP. Mas eu quero deixar bem claro uma coisa, e você sabe disso.

A ANP sempre esteve de portas abertas para qualquer agente.

Eu até lembro que na época em que você pediu, eu acompanhei bem a sua defesa, as suas autorizações, existiu muita dificuldade em autorizar a sua empresa, foi um processo que demorou. Como teve também no começo o pessoal do rerrefino, era uma quantidade de documentos enorme que se pediu no começo, mas foi diferente também na segunda etapa, você se candidatou a rerrefinador depois.

Sobre o trabalho que aqui é feito nesta reunião só quero falar que os expomos, pois este é um grupo que foi criado para que as dúvidas que existam, para que os questionamentos que existam possam, sim, ser expostos e no momento em que não há prejuízo de valor – e agora estou falando como ANP – dentro do que é dito, falamos, sim, em determinadas empresas. Quando surge um questionamento, o grupo foi criado para isso, para ajudar e os questionamentos que também surgem servem para solucionar e não para criar, como o Hassan bem colocou, uma polêmica, às vezes é para diminuir a polêmica, porque a ANP sempre está tentando responder aqui.

Doutor Walter Françolin, com relação a essa sua pergunta, não trouxe dados, porque realmente não sei. Mas o que acontece? Se a empresa não encaminha dados, nós a notificamos através de ofício e eles têm que responder. Agora, não sei dizer se foi no ano de 2007 todos os dados de óleo básico da Supply estão viáveis ou não.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Senhor David, o senhor deseja fazer mais alguma consideração?

DAVID ANDRADE – Muito obrigado.

Quero deixar uma coisa bem clara aqui: não vim até esta Casa para provocar alguma ação jurídica contra a Apromac, contra o Sindirrefino, enfim nada. Simplesmente quero mostrar a minha empresa; quero que todos os senhores a conheçam, quero que todos os senhores a vejam como é que trabalhamos, o que fazemos e, desde já, se erro houve e se erro há, se houve ilícito e se ilícito há, se crime houve ou se crime há, por favor, processem. Processem, porque Justiça é se pagar pelo erro uma vez, mas pagar pelo mesmo erro por várias vezes é uma injustiça! Os senhores não sabem o que essas Atas circulam. Circulam entre os clientes das empresas que ficam me falando: “Olhe aqui a sua empresa! Fulano esteve aqui e me falou determinada coisa” e sem eu poder ter a possibilidade de defesa. Não somos representados por ninguém. Nem junto à ANP, apesar de termos sido convidados e, por reiteradas vezes, a Sra. Tatiana me disse que podemos ir até lá na ANP quando quisermos. Basta telefonar, marcar, não precisamos ser representados por ninguém.

Agora, o que queremos é isso: venham conhecer a nossa empresa. Apenas queremos esclarecer: venham até a nossa empresa e vejam o nosso trabalho. Está tudo muito claro e não há nada que alguém queira esconder. Realmente, em contratos fica assim: os dados podem ser divulgados para os órgãos do Sisnama. Não fui eu quem fez assim, foi o meu cliente, mas estamos lá.

Respondendo ao Sr. Hassan, você disse que recebemos citação ou solicitação da Apromac e nos recusamos a entregar. A única coisa que recebi foi via jurídica. Sempre fiquei me questionando: por que dar esse trabalho ao Governo se o Governo teria a chance de vir até aqui. Aproveitem, venham conhecer, venham ver. Vamos conversar. Não precisa vir via jurídica da forma como veio!

Temos endereço certo, sabido, eletrônico, físico, geográfico, nos caminhões também e é como vocês quiserem: por telefone, enviando *e-mails*, vendo a internet, enfim não precisava de tudo isso.

Agora, se veio, também tenho que defender a nossa empresa, os nossos clientes. Vou entregar na hora em que você quiser, mas foi só isso que você pediu. Também pediu milhares de cópias de coisas às quais não nos recusamos a fornecer e a responder.

Todos esses dados se encontram na ANP, se encontram na Cetesb e se encontram no Ibama. Então, os dados existem, eles estão aí e também poderão ser coletados em nossa empresa. Podem ir até lá, podem verificar e se você puder nos preservar das milhares de cópias, se quiser pegar algumas delas aleatoriamente irei até esse “cara” para ver se confere a via dele, vou até esse rerrefinador para ver se a via dele confere, vou ver os seus documentos; para o “cara” que você vendeu se a via confere. Esse é um prazer para nós.

Essa é a questão com relação à Apromac. Por favor, visitem-nos, liguem-nos ou venham nos visitar sem avisar para ver como é o dia-a-dia, chegando na empresa (sem aviso): “Olhem, cheguei aqui e está todo mundo trabalhando; se está ou se não está!”

Façam isso, porque será um grande prazer para nós!

Senhor Walter Françolin, com relação à negligência que falei há pouco, não quis me referir à negligência da coleta e às ONGs negligenciando, mas percebo que são leis saindo a todo o momento em cidades, em estados e tudo de uma forma atravessada.

Com relação aos frascos e filtros, se o objetivo é o Meio Ambiente, se todo o foco é dado em cima do óleo, com tudo o que sabemos sobre o descarte inadequado do óleo por que, então, não fazem uma coisa... se o frasco é contaminante para o Meio Ambiente, se o filtro é contaminante, se o óleo é contaminante faça-se um pacote direcionando, dando obrigatoriedade de destinação adequada à sociedade.

Quando falo em negligência me refiro a isso. Leis tudo em termos do óleo lubrificante, usado, contaminado e é muito bem cuidado.

Parabéns a todos que trabalharam, que montaram não a 362, mas a nove. Na nove mencionavam-se as emulsões aquosas de óleo solúvel, na 362 já não se menciona mais. Então, quando falo em se negligenciar não é mais assim, mas que seja prejudicial, se estamos falando do mesmo produto não vejo as pessoas trabalhando nessa legislação, não vejo as pessoas dando idéias, dando pareceres. Então, é essa a questão do negligenciar. Não vejo ONGs cobrando que o posto dê uma destinação a essas embalagens. Foi quando demonstrei a quantidade de óleo que elas têm, também como é dada e cobrada do óleo lubrificante usado contaminado. Essa foi a menção que fiz.

Senhora Tatiana, com relação à ANP você ainda não tinha chegado, mas mencionei que enviamos os dados trimestralmente para a ANP e, como você não estava presente, vou repetir porque está escrito aí, disse que quando a ANP faz uma autuação em uma empresa, e esse é um fato comprovado: a ANP chegou lá, autou se há alguma não conformidade ou inconformidade, e quando isso é apresentado aqui o nome da empresa fica preservado. É colocada uma tarja preta. O nosso foi explicitado. Foi apenas isso que disse com relação... e não em termos da ANP. A ANP preserva, a ANP não diz... nas Atas e leio pelas Atas onde as empresas tiveram os seus nomes preservados e a nossa não. Foi apenas isso o que disse. Pedi um tratamento justo, igual.

Por mais uma vez: temos bastante a colaborar, temos que colaborar e se há erro, se há ilícito, se há ilegalidade, por favor, procedam e nos ensinem a encontrar esses erros, porque fica difícil buscar uma coisa à qual não sabemos o que é. É apenas isso o que queremos.

Novamente, muito obrigado por esta oportunidade.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – O negócio é o seguinte: vou abrir a palavra mais um pouquinho, mas é mais um pouquinho mesmo. O relógio está comigo, porque essa história não estava na nossa pauta. Ela chegou devidamente protocolada no Ministério. É por essa razão que estou tendo esse procedimento. Quando lancei a convocatória para esta Reunião não havia esse pedido, porque senão vamos ficar o dia inteiro aqui e temos uma série de coisa que – e não digo – não são mais importantes que esta que é muito importante, mas temos um rumo a tomar.

Vou abrir a palavra para duas novas intervenções e depois vou fechá-las. Não vai ter mais esse tempo, vai ficar para outro momento e, antes de fechar, vou fazer algumas outras considerações sobre o assunto.

HASSAN SOHN – Da Apromac.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Senhor Hassan, infelizmente o Simepetro pediu a palavra primeiramente.

HASSAN SOHN – Mas você olhou para mim!

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Sim, mas é que estou mais de frente para você!

GERALDO MAGELA DE ARAÚJO – Bom-dia, sou representante do Simepetro e quero dizer que o Sr. Walter citou uma frase interessante. Gostaria de esclarecimento sobre ela.

Óleo rerrefinado só pode ser vendido ao misturador em envasilhador, correto, Sr. Walter?

WALTER FRANÇOLIN – Consta na legislação.

GERALDO MAGELA DE ARAÚJO – Tenho sido muito questionado pelos associados no sindicato que, por muitas vezes, o cliente é abordado e as nossas empresas, que são as produtoras, não conseguem vender um determinado lubrificante, porque o coletor que, na maioria das vezes, são os rerrefinadores retiram o óleo, tratam o óleo e o revendem ao próprio rerrefinador.

Isso está correto, Dr. Walter? Estou questionando isso, não conheço exatamente a legislação, mas devo uma resposta aos nossos associados. Então, nesse sentido, temos um problema comercial. É prática normal o rerrefinador, o coletor coletar esse produto num determinado cliente, tratar esse produto e vender para o próprio cliente ou teria que vender esse óleo tratado ao envasilhador que, no caso, são os associados do Simepetro?

WALTER FRANÇOLIN – A legislação prevê duas situações: um óleo lubrificante usado tem que ser encaminhado ao rerrefino. Depois de rerrefinado e atendidas as especificações técnicas formuladas pela ANP esse óleo lubrificante só poder ser comercializado para uma empresa produtora de lubrificante acabado ou de graxa lubrificante.

A legislação abriu um precedente, aliás a pedido da própria Supply, no sentido de que uma empresa pudesse fazer um tratamento em determinado tipo de óleo, retirar esse óleo, fazer um tratamento seja qual for ele; ainda que esse óleo não atenda às especificações da ANP ele poderá voltar ao proprietário do óleo para que esse proprietário o utilize em suas instalações sob risco dele. Porém, ele não pode comercializar esse lubrificante.

Então, quando falamos isso, sob a ótica do Sindirrefino, na verdade, esse tipo de atividade não é um rerrefino, porque via de regra esse óleo lubrificante não atende às especificações da Agência Nacional do Petróleo. Contudo, como se trata de uma responsabilidade do proprietário do óleo, ele assume as conseqüências de uma eventual falta de qualidade desse lubrificante. Todavia, sempre ficará sob a sua inteira responsabilidade. Desde que o óleo vá a mercado, desde que o óleo seja comercializado só poderá ser comercializado a uma empresa produtora de lubrificante e atendidas as condições de características da ANP.

HASSAN SOHN – Apromac.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Senhor Hassan, por favor, seja breve.

HASSAN SOHN – Vou ser bastante breve.

A primeira coisa: aproveitando a chegada da ANP e considerando que essa Ação Civil Pública não acabou indo para a ANP por motivos processuais, vou fazer aqui o pedido oficial no sentido de que a ANP traga os dados relativos aos óleos coletados – e vou passar uma cópia da inicial – dos dados que quero, enfim que a ANP traga para a próxima reunião os dados relativos à Empresa Supply, que são os que estamos pedindo na Ação Civil Pública.

Vou analisar esse material que a Supply está trazendo, vou fazer uma série de questionamentos, vou encaminhá-los ao Sr. Coordenador. Antecipadamente, já convidei a Empresa Supply para a 12ª Reunião Ordinária para responder esses questionamentos, mas agora gostaria de saber da Supply, porque preciso me preparar para as perguntas e para ler o material, qual é a técnica de rerrefino que ela utiliza? Se é ácido argila, se é desaisopropano, esse tipo de coisas para poder me inteirar um pouco melhor. Gostaria que eles me respondessem agora.

Não sei se no trabalho dos senhores isso está especificado na transcrição da 7ª Reunião, mas gostaria de saber, mais ou menos, em qual trecho os senhores se sentem citados. Realmente, não consegui localizar isso. Talvez o *software* não tenha procurado o nome ou o nome esteja indevidamente grafado ou alguma coisa assim.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes da resposta de vocês.

HASSAN SOHN – Se houver necessidade, depois vou lhe encaminhar novamente os ofícios, porque eles não foram respondidos. Não disse que a Supply respondeu dizendo que não ia responder, mas eles simplesmente não foram respondidos.

Finalmente, gostaria de pacificar essa questão da Ação, porque o fato de entrar com uma Ação Civil Pública Acautelatória não significa que eu tenha alguma animosidade contra a empresa.

O brasileiro tem esse péssimo hábito de achar que quando você tem uma Ação Judicial, você está sendo acusado de alguma coisa. A Ação é apenas um instrumento que tenho. É um instrumento que, no caso, apesar de ser judicial tem um caráter meramente ilustrativo. É um pedido de informações pelos meios que temos.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não vou conceder mais a palavra, porque não vou transformar esta Reunião – e vocês me conhecem – não é uma Reunião de Debates sobre a Supply ou qualquer Reunião que seja. O assunto está encerrado.

Senhor David, agora que já tenho o endereço eletrônico dos senhores, gostaria de saber sobre todas as atividades do Grupo, enquanto estiver sob a minha coordenação. Vou convidá-los também, ou seja, vou colocá-los na minha caixa de endereços, no meu catálogo de endereços relativo a este Grupo.

Eu os convido a participar não somente da 12ª Reunião, como ele fez, mas de todas as Reuniões e também os convido a engendrar nessa campanha que estamos fazendo das Oficinas pelo Brasil para falar de recuperação de óleos lubrificantes, tentando chegar ao máximo a toda a população, aos fiscalizadores. Neste País, somos muito eficientes em fazer legislação, mas treinar, divulgar é uma outra história.

Então eu espero que tenha sido de vosso agrado, de vossa empresa. Aqui é o fórum para isso mesmo. Entendo que este grupo criado de uma forma inédita por uma Resolução Conama é o fórum para isso.

E só um convite, agora no dia 16 de maio, sexta-feira, já está sendo estudada a proposta de Resolução Conama referente às embalagens usadas de óleos lubrificantes. Vai ter uma reunião no Center (104:13) do Ibama, em Brasília, e não só a Supply, mas a todos estamos convidando porque, com a minha Gerente Taís Cotta, nós vamos entrar, entre outras, pesado nessa questão das embalagens dos óleos lubrificantes usados. Então, aqueles que desejarem...

Eu vou encerrar aqui os informes que eram devidos à Supply. E vamos passar pela seqüência de novos informes, mas antes vamos ter 5 minutos de *coffee break*. (Intervenção fora do microfone). Não. Não. Não. Eu encerrei. Está encerrado. Não tem. Não tem. Aqui acabou, acabou. Está encerrado. Desculpe, Ruth.

RUTH TABACZENSKI – Não é sobre a Supply.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Então está bom. É sobre isto aqui. Entendeu?

ZULEICA NYCS – Ele fez uma pergunta.

RUTH TABACZENSKI – É só um informe. Só um segundinho, gente.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Pois não.

RUTH TABACZENSKI – Ruth Tabaczenski, Assessora Técnica do Ibama. Só um segundinho. É um informe que é assim importante. Esta aqui será a 25ª Reunião da Câmara Técnica de Saneamento, da qual eu sou Assessora.

Eu quero informar que este assunto está pautado. Sim. Mas ele não vai ser profundamente discutido. Ele vai definir o encaminhamento, o que vai ser feito. O assunto não vai ser destrinchado. (Intervenção fora do microfone). Não vou continuar. Ou seja, não vai ser discutido profundamente, só o encaminhamento. Não vou continuar, por isso...

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Viu com é bom ter o Conama aqui conosco.

Pois não. Pela última vez, a Apromac. Vocês têm 3 minutos e estará encerrado e nós vamos tomar um café.

HASSAN SOHN – Hassan, da Apromac. Ele pode responder a minha pergunta pelo menos?

ZULEICA NYCS – Para ficar gravado na transcrição.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Pode.

ZULEICA NYCS – Estamos pedindo o documento. É para sinalizar...

DAVID ANDRADE – Se eu me recordo, a pergunta foi qual é o nosso processo de rerrefino.

HASSAN SOHN – Isso.

DAVID ANDRADE – É ácido, argila.

HASSAN SOHN – OK.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Pronto. Vamos tomar uma água e um cafezinho. Nós vamos suspender a reunião em torno de uns 5, 7 minutos. Que tal 7!

– Suspensa, a reunião é reaberta 11 minutos depois.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Nós vamos reiniciar a nossa reunião. (Intervenção fora do microfone.)

Senhoras e Senhores, ainda no tempo dos informes gerais, a Carmem Níquel pretendia nos fazer um informe a respeito do levantamento tido como necessário na 10ª Reunião Ordinária, mas ela me pediu que, devido ao adiantado da hora, como é uma coisa um pouco longa, ela vai por *e-mail* aos membros do GPM. E depois, na próxima reunião, nós conversaremos sobre as questões, sobre o levantamento que ela está fazendo como suplemento àquela questão do licenciamento ambiental, proposta do termo de referência para os Estados e os Municípios.

Então dessa forma, eu gostaria de pedir que a Supply, o Sindirrefino e a Apromac se sentassem.

Nós vamos passar para o item 2 da nossa pauta. O item 2 já foi visto, eu adiantei, que foi a aprovação da transcrição da 10ª Reunião.

Então vamos passar para o item 3, que é a avaliação da 1ª Oficina realizada em Goiânia, entre 22, 24 e 25 de abril.

Nós estamos exatamente às vinte para as onze, e eu acho que até a hora do almoço é um tempo hábil para fazermos essa avaliação. É muito importante que façamos essa avaliação, principalmente... (Intervenção fora do microfone.)

Só um minuto.

ZULEICA NYCS – É que eu não entendi o que você falou antes. Você colocou em votação ou não.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. Não. Não. Explique para ela, por favor.

ZULEICA NYCS – Poderia explicar ao microfone.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. Não. Infelizmente, ela se reserva... Por favor. Carmem, venha aqui.

ZULEICA NYCS – O termo de referência já está pronto?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. Por favor. Por favor. Por favor.

ZULEICA NYCS – O termo de referência não está pronto?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. Não é isso, não. Calma. Calma.

ZULEICA NYCS – Pensei que era assunto que já estava esgotado no grupo. (Pausa.) Eles não ouviram. Estavam tomando café. Então...

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Ela vai falar com você.

Então, como eu disse, já são quase quinze para as onze. Eu acho que até a hora do almoço é um tempo hábil, bom para fazermos essa avaliação. Se não for, vamos retomar depois do almoço.

Mas como estava falando aqui, é muito importante que avaliemos o que ocorreu lá em Goiânia.

Eu pretendo me reservar, se vocês permitirem, o direito de ser o último a falar na avaliação. Está OK? Mas se não quiserem! Eu gostaria que o pessoal fizesse as inscrições sempre olhando para mim, para aqui ter uma ordem. Porque às vezes a pessoa esteve lá, participou, trabalhou e deseja falar.

Então, estão abertas as inscrições. (Pausa.)

Então vamos começar com a Celma, que fará uma apresentação da avaliação da Anamma, que foi uma das nossas anfitriãs, junto com a Federação das Indústrias do Estado de Goiás. Já está inscrita depois a Taís. Mais alguém? (Pausa.) Carmem. Hassan ou os dois?

HASSAN SOHN – Os dois.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Os dois. Então, primeiro as mulheres. Primeiro a Zuleica.

Já riscamos a Carmem, porque a Celma vai apresentar tudo. Mas ela acabará falando também. Zuleica. Mais quem? Você pretende ou vai só participar?

ZULEICA NYCS – O Hassan também.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Hassan. OK.

O fato é que esse pessoal está inscrito. Fiquem à vontade os outros membros do grupo. Façam apartes, sugiram, mas sempre se identificando para não trazer problema para a transcrição, porque se não depois o pessoal não acha quem foi que disse, pois a gravação não vai mostrar quem é que é que falou. OK?

Já está pronto aí? (Pausa.) Enquanto resolvem aqui essa questão da Celma, eu vou passar para você, Taís, pois hoje estamos apanhando aqui do computador.

TAÍS PITTA COTTA – Taís, do Ministério do Meio Ambiente.

Só para esquentar a avaliação, primeiro eu quero dizer que a organização foi muito boa. A Fieg foi muito legal e nos deu um ótimo apoio. A Oficina eu acho que teve bons frutos.

Então como Ministério do Meio Ambiente nós fomos muito assediados pelos órgãos de Meio Ambiente Municipais. Eles nos solicitaram muitas informações. Isso é muito bom. Foi um retorno da Oficina, nós temos de admitir.

Eu tenho algumas questões aqui que eu gostaria de colocar para discussão.

Primeiro, após a 1ª Oficina, nós já vimos como são todas as palestras, eu creio que elas devem passar por uma revisão geral e fazer um encadeamento mais lógico, de modo que as seguintes não contemplassem informações que a anterior já passou para a platéia. Então eu acho que vale a pena um esforço dos palestrantes para se ter uma reavaliação das suas apresentações ou retirar os tópicos que possam ser alvo da palestra anterior.

Cobrar do Ibama o Manual.

Nós tivemos a sorte de facilitar dois CDs. Obrigada ao Sindirrefino que teve uma participação, mais uma participação mais do que providencial para conseguirmos esses CDs.

Mas agora nós precisamos realmente entregar esses Manuais.

Então eu gostaria de saber como é que estão os aspectos administrativos dentro do Governo, que são mais demorados.

Acho que seria realmente interessante agora prepararmos um CD prévio, ou contemplar, que possamos ter esse CD e enviar aos participantes. Acho que temos de fazer isso primeiro por aquela lista que temos. Acho importante mandar um CD com todas as palestras.

Se uma pessoa tem uma dúvida, ela retorna no CD àquela palestra, ela relembra alguma coisa, então eu acho que isso é muito importante.

E quanto ao banner, eu achei ótimo. Gostei muito, gostei do banner. Só que aquelas figuras ficaram um pouco pequenas. Estavam tão bonitas e acho que poderíamos aumentar aquelas figuras e adotar mais ou menos um padrão de banner para todas as Oficinas. Eu acho que isso pode ter mais ou menos uma identificação, embora sejam em termos regionais, a idéia que elas têm mesmo um conteúdo.

Então eu acho que poderíamos também adotar isso.

A princípio é só isso.

Obrigada.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Alguém quer fazer alguma observação quanto às observações da Dra. Taís por enquanto, Ou prossiga aqui na discussão? (Pausa.) Ibama.

JOÃO BOSCO – João Bosco, Ibama.

Com relação ao Manual, eu já tinha dito isso aqui em reuniões anteriores, e falei também lá na própria Oficina, o que aconteceu foi o seguinte. Quer dizer, o processo de pregão parece que demora mais do que o de licitação, concorrência e outras coisas mais. Até agora o processo está em andamento. Estamos aguardando lá o processo de pregão eletrônico. É que se tem de aguardar os recursos. O pessoal entra com recursos. Depois vem com a defesa. Estamos aguardando isso aí.

E eu aproveitei e fiz aquelas modificações, aquelas alterações que o pessoal detectou na Oficina. Isso já está OK, já está tudo certinho. Agora estamos aguardando realmente a publicação.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Retornando à Taís.

TAÍS PITTA COTTA – Aproveitando as interrogações, eu estava conversando também com o colega do Sindicom, a respeito das cartilhas. Então, eu acho que precisamos fazer um esforço para tentar lançar a versão atualizada das cartilhas o quanto antes. Praticamente esta é a parte que nós temos.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Alguém tem mais alguma colocação sobre as observações da Dra. Taís? (Pausa.) Agora vou retornar à primeira da lista, que é a Celma, da Anamma, que, registro mais uma vez, nos recebeu tão bem naquela bela cidade de Goiânia. E que também ficou encarregada de trazer uma avaliação para este grupo, já que houve um questionário aos participantes, uma série de perguntas tête-à-tête. Precisamos ver para as outras o que erramos nas anteriores.

Então, liberados? (Pausa.) Fiquem à vontade.

CELMA DOS ANJOS – Bom dia. O meu nome é Celma. Sou da Anamma. E nós vamos tentar demonstrar agora um resumo de tudo que foi identificado durante todas as palestras e naquela ficha de avaliação que foi distribuída.

Eu confesso que eu fiquei surpresa com os comentários. Não foi fácil para mim, trabalhar e organizar todo o evento. Foi meio difícil e eu fiquei com um certo receio de haver falhas, mas com a ajuda de todos deu tudo certo.

Aqui estou demonstrando os Estados participantes. Sempre é bom lembrar que houve uma considerável participação: Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, ... (?) e Amazonas. Faltaram aí mais alguns Estados?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Acre e Roraima e Pará.

CELMA DOS ANJOS – Isso. Depois vamos falar do pessoal lá de cima.

Esta é uma foto geral com todo mundo, dando uma demonstração da participação. É só para mostrar todo mundo. Depois eu passo as fotos para vocês.

Estes são os parceiros. Faltaram alguns aí.

Quanto à participação, houve somente 33 fichas. Algumas pessoas deixaram de entregar. São 4 perguntas para os palestrantes, cada uma com respostas. E eu achei que dificultou um pouco, e eu acho que lá na frente eu faço uma sugestão de alteração.

E o primeiro item da avaliação é sobre a organização do evento: 3 boas, 5 muito boas, 19 ótimas e 6 indiferentes. Eu achei que foi muito bom isso aí.

Avaliação sobre o tema para as palestras e debates. Um, Ruim – e achei terrível ter esse “1 – Ruim”. Regular, seis; boa, 12, muito boa; nove, ótima e quatro, excelente.

Avaliação sobre o controle das palestras: quatro, boa; seis, muito boa; oito, ótima e cinco, excelente.

Sempre estou olhando as fotos e a separação de todos é para o lado positivo, embora haja aquele “1” por ser Ruim.

Comentários e Justificativas: uma negativa. Houve divergências de opiniões entre os palestrantes, em alguns procedimentos que não foram bem esclarecidos.

Algumas pessoas fizeram perguntas à ANP, mas ninguém se identificou, em certos momentos, como a Dra. Taís falou.

Em termos das palestras, o tempo foi um pouco mais relevante que os devidos registros, porém positivo, criando dessa forma a necessidade da criação entre os atores envolvidos.

Realmente, houve a troca de informações, algumas questões foram sanadas. O envolvimento dos cuidados fez a diferença porque também ficou bem claro que a participação de todos foi muito importante.

Tivemos as entidades públicas mais os produtores e após cada almoço em função do cardápio todos felizes, porque tudo o que existe numa academia é importante para a próxima Oficina. Orgulhei-me muito disso e faço questão desse registro.

Como sugestões para a próxima Oficina temos:

- 1– Convidar os fiscais de municípios para fazer palestras;
1. Aumentar o tempo dos Debates;
2. Organizar as palestras e evitarmos a prorrogação dos tempos.

Isso é aquilo que já havia me referido antes.

Estas são as fotos da visita.

Há questões de ordem prática que sinto que são necessárias de serem feitas.

Encerrando, acho que a faixa de avaliação deve ser: regular, boa, ótima e excelente, porque não gostei dos seis itens que foram apresentados. Assinatura digital e certificado digital: acho que para a próxima deveria ser assim para não causar problemas e, sim, facilitar.

Obrigada.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Na seqüência, tem a palavra a Sra. Zuleica Nycz.

ZULEICA NYCZ – Só vou fazer as críticas e não elogios.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não fique olhando só para mim!

HASSAN SOHN – Não, já estamos acostumados.

ZULEICA NYCZ – Percebi um problema de ajuste de linguagem entre os palestrantes, porque não temos o conhecimento homogêneo, dessa forma, diminuindo o assunto.

Sindilub, Simepetro e o Setor Privado falaram sobre o assunto do Planejamento tanto da Resolução nº 9, como da Resolução nº 362.

A ONG, Apromac tem estudado com profundidade o assunto para poder representar a sociedade civil.

Quero lembrar que os setores devem incluir o setor da sociedade civil com a ONG. Quero lembrar – e não é por ser o advogado Hassan – que o importante é que se participe para que você não só fique nas relações administrativas, nas normas governamentais, etc.

É preciso ter a participação da sociedade civil para se criar um clima de cidadania, de soberania, com pedido de informações para trazermos ao grupo e podermos avaliar o cumprimento dessas Resoluções.

Essas informações não são para fins de debates, mas para facilitar o cumprimento das Resoluções.

Acho que, no caso das palestras, algumas pessoas deram excelentes palestras pelo Setor Privado, inclusive não devendo usar termos, por exemplo, como resíduos oleosos. O Óleo Lubrificante Usado Contaminado não é genericamente um resíduo oleoso. Em seguida, alguém falou que estava sendo capacitado e ele ficou confuso, mas acho que poderia deixar de colocar isso de lado.

Então, penso que precisaremos nos capacitar para termos uma noção do que vamos fazer lá e lembro que também a Sra. Tatiana falou sobre uma melhor forma de encaminhamento.

De um lado, de imediato, devemos ter uma linguagem forte no sentido de que um palestrante não se contradiga com o outro.

Quanto à questão da avaliação das apresentações, por exemplo, a ONG tinha dois palestrantes. O primeiro para falar em relação a cada maneira de economia do óleo.

Realmente, tive que fazer um esforço muito grande. Acho que o setor ou seu representante tem que estar de comum acordo nessa reunião do grupo que é importantíssima.

Quanto à questão da faixa de avaliação, quero lembrar que é oportuna e não devemos somente ter perguntas sobre a organização geral, mas sim perguntas para coisas que beneficiem a estrutura da Oficina.

Por exemplo, houve uma palestra para falar sobre o Licenciamento dos diferentes produtos. Quais foram as faixas de avaliação que o coletor deverá ter para poder ser licenciado? Acho que não obtivemos respostas quanto a isso. Deveríamos ter o encaminhamento necessário para isso nas palestras.

Acho que dá tempo para isso e essa é uma proposta que devemos levantar a partir da evolução do conteúdo dessas palestras dentro dos prazos estabelecidos e não termos problemas técnicos. Mesmo para ver se eles entenderam, porque senão vamos fazer uma boa Oficina, sendo que a idéia dela é essa: a atividade e o seu respectivo envio de material.

O CD com as palestras poderiam também chegar, como por exemplo a da ANP quando se propôs a apresentar uma lista de laboratórios. Eles ficaram super interessados, porque vão precisar dos laboratórios.

JOÃO BOSCO – O *site* do Idema tem tudo isso.

ZULEICA NYCZ – É para você poder chegar lá naqueles Estados, como o de Tocantins, por exemplo, colocar um CD, uma projeção da ANP no sentido de como se assessorar esses laboratórios que facilitarão a

linguagem, com os endereços, mas o mais importante era explicar ao agente governamental o Licenciamento; como ele pode ser acessado através da ANP.

JOÃO BOSCO – ... que eu me lembre a estrutura do laboratório, ele colocou a disposição para a identificação dos óleos lubrificantes que estavam usados, contaminados e que uma das dificuldades era exatamente você coordenar, pois isso causava uma discussão em termos da fiscalização técnica.

ZULEICA NYCZ – A ANP poderia fazer um pequeno texto explicativo, dando uma lista de laboratórios credenciados de como esse órgão ambiental pode acessar as informações de que eventualmente precise.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra a Sra. Carmen Niquel.

CARMEN NIQUEL – Segundo o que a Sra. Celma nos relatou, a coordenação dos trabalhos com as seguintes normas: cada palestrante poderia fazer a sua palestra de forma isolada no mesmo dia, mas gostaria que essas questões que foram colocadas fossem mais avançadas.

Acho que temos que aproveitar esses dados. Foi extremamente válida, positiva, mas sem dúvida alguma, deve aceitar as críticas. Temos que aproveitar o que se colocou tão bem pela Sra. Celma, pela Sra. Zuleica no sentido de se fazer esse *feedback* que será o informe do nosso trabalho que até foi conduzido por essas resoluções.

Essa importância será o diferencial e isso é novo.

Acho que temos que dar o devido entendimento a essa questão e acreditar que em cima desses valores que eram colocados, dessas palavras que estão aí em pendência nas redes, façamos a distribuição desses princípios para o interior das palestras.

Se houve isso desde o início, ele ainda terá que buscar a integração das palestras.

Acho que devemos ver outra forma para a 2ª Oficina em termos da distribuição dos temas, e já me desculpem por ter avançado no horário daquele dia, mas para realmente enfocarmos melhor as temáticas avançamos nas palestras dos outros, porém entendendo que deveria tentar cumpri-la.

Mas me reportando, eu considerei a 1ª Oficina como excelente, mas nós precisamos desse trabalho até a 2ª Oficina.

Obrigada por enquanto.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Hassan, Apromac.

HASSAN SOHN – Antes de mais nada, eu vou dar os parabéns a todos. Temos de admitir que não foi um trabalho perfeito. Há muito que ser melhorado. Mas dadas as circunstâncias de tempo, de sobrecarga de todos, que nós sabemos que todos temos, gostaria de parabenizar a organização, ao Sindirrefino que ajudou na organização. Agradecer mais uma vez o espaço que foi aberto pela Fieg lá. E parabenizo os colegas que apresentaram palestras, que no nível geral a meu ver foram boas. Mas devo fazer alguns alertas.

O primeiro ponto que eu levanto é uma pequena gafe da organização que é de esquecer de pôr a ONG na Mesa. Não que queiramos aparecer. Mas já que estamos todos, já está em todos os lugares, foram chamadas todas as instituições, menos a ONG.

CARMEM L. V. NÍQUEL – A Adema também não foi chamada?

ZULEICA NYCS – A Adema também não foi chamada?

HASSAN SOHN – Então a Adema também não foi chamada.

ZULEICA NYCS – Foi uma gafe.

HASSAN SOHN – Então é uma gafe que não devemos cometer na próxima.

Outro problema, e aqui é também um problema de enfoque dos palestrantes, não só da organização, mas também da organização, a questão de horário e ater-se ao programa. Por que o que aconteceu? Nós perdemos a mão do horário. Não houve uma atuação mais incisiva de quem deveria estar controlando o horário. O palestrante se empolga, é natural e perdemos completamente a programação. Eu olhava o programa, o folder e as palestras já estavam fora do horário, tivemos de fazer algumas adequações.

No contexto geral, até o conteúdo acaba sendo passado, mas fica no mínimo esquisito, não é?

A questão de sobreposição de temas, que foi muito bem levantado, decorre de uma outra dificuldade nossa. Foi feita uma sinopse das palestras antes. Essa sinopse foi apresentada. Evidentemente devo reconhecer foi um pouco curto o espaço. Mas nós, eu peço que todos façam uma reflexão, não quero dizer ninguém em especial – Ta – eu tentei até fazer um *mea culpa* em alguns pontos desses. Mas devemos nos ater à sinopse que nós combinamos aqui. Porque é evidente que não vamos conseguir nos reunir aqui um mês para criar um curso, alguma coisa assim. Todos nós. Então nós temos de nos ater ao que nós combinamos antes. Os pontos são estes e nós abordamos esses pontos. OK?

Reforço a questão que a Zuleica já levantou que nós temos deter uma uniformidade no que nós falamos. Essas contradições e uso de termos, um afirma uma coisa, o outro afirma de uma forma diferente, nisso nós temos de ter cuidado, porque fica ruim.

Gostaria de pedir também aos presentes, primeiro, que não lavassem roupa suja na frente dos assistentes. Lá não é o local. (Riso). Não. Fica hilário alguns dos presentes até achando engraçado, outros nem tanto assim. Mas demonstra uma fragilidade que nós não podemos demonstrar. Nós estamos ali para ensinar. Como é que você vai aprender com alguém que está inseguro? É complicado.

Da mesma forma gostaria de pedir que nas próximas oportunidades nós nos controlássemos mais em relação a alguns temas instigantes que são levantados lá e não criássemos nós mesmos as polêmicas. Nós estamos lá para dirimir as polêmicas, não para criarmos. Lá não é uma reunião do GMP.

Então alguns pontos, eu digo depois, mas chegou um momento no segundo dia que nós polarizamos de tal maneira a discussão que daí eles ficam assistindo ao vivo a uma reunião do GPM.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Só faltaram bater palmas.

HASSAN SOHN – Só faltaram bater palmas. Exatamente. Certo?

Não que não seja para discutir. Mas ali não é o local. Eu entendo que alguns pontos ficam obscuros, e nós, do GPM, dizemos não, isso precisa ser esclarecido. Então como devemos fazer? Fazemos uma pergunta. Fazemos uma pergunta e esperamos que a pessoa que foi questionada responda da forma que nós gostaríamos de ouvir. Nós não podemos instigar ao debate.

Verificamos algumas outras questões técnicas aqui também que nós poderemos e deveremos acertar para a próxima oportunidade.

Concordo que temos de melhorar o material de apoio.

Não houve tempo e agora vai haver um lapso de tempo melhor para trabalharmos esse evento CD. Eu tive dificuldade com esse CD. Eu não consegui abrir esse CD da Oficina.

ZULEICA NYCS – Eu também não consegui.

HASSAN SOHN – Tem de verificar o que aconteceu. Ele pede um programa que tem de baixar da Internet. Daí baixa, não funciona.

JOÃO BOSCO – Não é o Adobe?

HASSAN SOHN – Eu não sei.

ZULEICA NYCS – Acho que é o Flash.

HASSAN SOHN – Convém nós refletirmos e apresentá-lo no mais básico possível. Apresenta e CDS e todo mundo pode ver em CDS.

Acho que de momento é isso. Nós temos de trabalhar melhor isso. Vamos discutir melhor o programa.

Eu tenho de fazer um *mea culpa* também. Eu acho que fomos muito otimistas na distribuição de horários. Acho que nós podemos mexer na grade de horários, dar mais tempo para aquela parte institucional do começo. Não começar as primeiras palestras logo às 9 horas. Começar com elas depois do *coffee break*). Como acabou-se verificando lá. E mexer na grade de horário toda, para adequar isso, para não termos de fazer correr palestras, cortar palestra um do outro. Isso não é legal.

Temos de trabalhar juntos o conteúdo e avaliar tudo aquilo que tem de ser explorado.

Ficou uma grande lacuna ali, um conteúdo importante acabou não, nós subexploramos a questão de coletor. Aquela questão de licenciamento ali no segundo dia, nós subexploramos. Vamos trabalhar melhor nisso. Vamos definir antes melhor como vamos trabalhar isso. Podemos partir com o básico naquilo lá e ver o que ele poderia cortar ou aperfeiçoar.

Faço também uma autocrítica. Eu tenho de melhorar um ponto específico na minha palestra. Ninguém citou. Acho que vocês normalmente não citaram. Mas cabe uma melhor explicação a respeito daquelas zonas não cobertas por coleta, que ficou meio no ar. Depois fizeram perguntas. Eu respondi uma parte. Não deu para responder tudo. Acho que convém explicitar melhor isso, para mim.

Peço que todos façam uma reflexão também sobre a sua, ver os erros ou alguma coisa.

Não é fácil mesmo apresentar um tema na frente de todo mundo. A gente se empolga num ponto, esquece outro. Planeja uma coisa, apresenta outra. E é assim mesmo.

Volto a dar os parabéns a todos. E eu vou dizer que a Apromac ficou muito contente de ter conseguido, de nós termos conseguido fazer esse evento. Achei que foi importante. Temos de melhorar o *feedback* também. Concordo que precisamos melhorar aquele questionário.

E aprendemos para a próxima. Melhoramos para a próxima. E certamente vamos melhorando assim.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Está bom.

O próximo inscrito sou eu. Eu vou ser um pouco longo. Não poderia ser diferente, como Coordenador.

Eu agradeço os elogios da Carmem, mas não vejo assim, Carmem, que tenha sido feliz na organização.

Eu cometi um erro na organização dessa Oficina de deixá-los muito livres. Eu deixei a coisa correr muito solta. E eu vou explicar porquê.

Porque se vocês olharem a transcrição da 9ª Reunião, do mês de dezembro, o caminho até abril era um caminho com janeiro e fevereiro e nós tentando fazer o Manual. Nós tentando fazer o termo de referência. Isso foi se embolando, como também embolaram as inscrições. Eu cheguei a um ponto de estar a um mês da organização com três inscritos.

Então isso também me tomou um tempo que seria dedicado ao refino desses detalhes. Não que eu saiba tudo sobre organização, como foi o esforço de estar correndo atrás da Abema, correndo atrás das indicações, reforçando com e-mails e telefonemas. E sobre isso eu pretendo falar mais para frente, mas nós temos de acabar com isso.

O dia, o prazo final para as inscrições também não pode ser prorrogado, porque eu não consigo depois que o Ministério pague as passagens, as diárias dos dias.

Eu consegui, com o esforço da Dra. Taís, mesmo com o atraso, depois que fizemos constar direitinho as datas, a Dra. Taís fez um pedido de urgência ao setor do nosso Ministério que foi ouvido. E vocês não ouviram nenhuma reclamação sobre atraso de diárias naquela reunião. Porque que é muito normal, em muitas que o Ministério faz, e às vezes volta essa condescendência da seguinte forma: 80% se inscreve no momento e depois vem aquela choradeira de mais 20% que se inscrevem depois. Só que esses 20% que se inscreveram depois estão lá com os colegas e não receberam diárias. E um outro recebeu. Então fica aquele zum-zum-zum que vai aumentando e atrapalhando. Então eu vou falar isso daqui a pouco de novo. Nós vamos ter de garantir, nós a Anamma, a Abema, o Ministério o cumprimento do dia. E o dia agora é o dia 10 de junho. Entendeu? Porque da outra vez, o dia dado aos Secretários de Estado indicarem os participantes, como no caso, nós comunicamos diretamente ao Secretário de Estado, enquanto nós deixamos para a Anamma por conta do seu convite, porque se não o Ministério sai convidando tudo quanto que é Município, e o esquema dentro do Ministério não deixaria a comunicação de um convite diretamente à Prefeitura.

Este é um assunto que tem a ver com o Artigo 23 da Constituição que até hoje não foi regulamentado, mas aqui não é o fórum para se discutir isso.

Então eu deixei muito livre. Acho que foi um erro, mas que não acabou com esse voluntarismo de vocês, porque tenho de destacar o voluntarismo de vocês deixarem suas casas, saírem dos trabalhos de vocês, não sendo remunerados, para irem na Oficina palestrar.

Eu me lembro que quando dava aula, lá no Sindicato dos Professores de Minas Gerais, nós lutávamos naquela época, em 82, 83, solicitávamos que para que a cada aula, o Governo nos pagasse uma hora de aula separada. E tinham alguns sindicalistas que eram até mais incisivos, precisa-se de duas horas para preparar uma aula de uma hora.

Então esse voluntarismo nosso é que me inibe, muitas vezes, de ficar cobrando de vocês. Porque, se o Ministério estivesse bancando as suas atividades de palestrantes, com recursos, valorizando esse trabalho, aí ficaria mais fácil para a coordenação.

Vou entrar em alguns detalhes que alguns de vocês já falaram, mas eu vou repetir e quero que escutem.

Nós não devemos expor as nossas diferenças em público. Isso destrói a idéia de equipe que muito bem a Zuleica jogou na apresentação dela. Nós temos diferenças, mas vamos assim deixá-las para o fórum adequado que é este aqui. E aceitarmos, porque, realmente, conforme o Hassan falou, no segundo dia a galera entrou em delírio. Os participantes chegaram a fazer observações como "Porque nós não fizemos uma reunião dessa não." "Vocês não são tão uníssonos como parecem ser." Mas isso depõe também porque a nossa intenção é aumentar o nível de críticas.

Eu me lembro que o maior propósito, um dos maiores propósitos da espinha dorsal da realização dessas Oficinas é que nós queríamos colher informações daquilo que não conhecemos do dia-a-dia, daquelas pessoas que pretensamente achamos que vamos capacitar.

Já vou dizendo coisas práticas que devem ser feitas.

Para o Hassan. Na sua palestra foi provado pela dialética dessa natureza que ela tem de ser a primeira do segundo dia. Porque, e me desculpem entre aspas, sem ofender, ficou insuportável o pesado ritmo que veio a apresentação: MMA, MME, depois o Eduardo, depois o Sindirrefino, depois a Tatiana e depois a Carmem. Vejam que o final foi um desespero. Vocês não viram. Vocês ficaram muito na frente dos palestrantes, mas atrás o povo estava desesperado. E falavam: "Mas para que essa informação?" "Não tem outro dia para isso?"

Então, desde agora já sugiro – e vou explicar o porquê – aquilo que seja o primeiro dia da 2ª Oficina. Vou sugerir e vou refletir, mas vou voltar ao esquema do *petit comité* organizador para ver se não vai haver falhas, tanto quanto se falhou, para o seminário de 11 de junho.

Acho que vamos ter que retornar à mediação na Mesa, porque senão não vamos ter o tempo para debates.

Podemos realizar, como fizemos aqui, da seguinte maneira: a cada dois palestrantes o mediador receberá as perguntas, ou seja, em os dois já falando daí virão as perguntas. Dessa forma, isso vai evitar aquele cerceamento que tivemos, porque – e não posso mais deixar ficar assim – no último dia ficaram todas as perguntas. Foi um erro entre nós mesmos e daí não precisaremos achar uma autoridade universitária. Estaremos num nível de equipe.

Teremos uma Mesa Redonda, mas vamos ter que enviar bilhetes para aquela pessoa. O problema é que posso ter outra palestra e não tenha ninguém para receber. O mediador vai ter que ajudar no tempo de cada palestrante, porque nos empolgamos mesmo. Teremos que ver que o tempo vai ter que ser diferenciado mesmo, por exemplo, para a Sra. Tatiana, para a Sra. Celma, enfim para todos. Elas podem não conseguir cumprir os 40 minutos, porém se for necessário vamos dar um pouco mais de tempo a cada um.

Quero que os senhores pensem e reflitam sobre isso no almoço.

Gostaria também de sugerir não exatamente para a Oficina de Natal, mas que pensássemos – e novamente terei que conversar com o Sindirrefino, que é um dos organizadores – no seguinte: não haveria jeito para trazermos aquela palestra da Polícia Federal que foi feita aqui no Seminário de novembro? Quer dizer, tentaríamos fazer essa palestra novamente...

JOÃO BOSCO – Desculpe, mas apenas fazendo um adendo a isso, a palestra da Polícia Federal foi em cima de óleo *banker*, etc e já estão confundindo os óleos aí!

Acho que deveríamos levar outra coisa.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – É porque me lembro que ela foi muito boa. Mas, tudo bem. Então, não haverá, pois tratou do óleo *banker* e tal. Os senhores vejam que nem o Coordenador tem conhecimento de tudo.

Enfim, acho que o nosso ajuste deverá ser feito da seguinte maneira, sem ficar com o formato de *petit comité*, ou seja, oficial, com todas aquelas coisas: para a Anamma, a Abema, o Sindirrefino e eu.

Só que gostaria que a Apromac ficasse com o ajuste da programação da conversa que estamos tendo aqui. Isto é, sistematizar todas essas coisas, como horário de palestrante, tema de palestrante, a exigência de sinopses do palestrante com antecedência, enfim esse tipo de coisa. Não me sinto à vontade para ficar envolvido nesse tema.

Parabenizo a consolidação do Termo de Referência, as Diretrizes para o Licenciamento que particularmente o Sr. Hassan levantou, mas gostaria de ver a Apromac envolvida nisso.

Enquanto isso, nós: Abema, Anamma, Ministério do Meio Ambiente teremos que resolver o problema dos inscritos; correr atrás no sentido de que, cada vez mais, enchamos de gente com esse tipo de coisa e o Sindirrefino, que atua com todo aquele apoio do Sistema da Confederação das Indústrias. Penso se isso seria possível.

Agora, não precisamos ficar muito oficializados do tipo: “Oh, o Coordenador não me passou um *e-mail*!” Então, vamos nos comunicar. Acabou aquele instituto do *petit comité*, pois já o enterramos há muito tempo.

Preciso voltar a ele, porque fica muito difícil trabalhar sozinho e, como o mesmo disse aqui, deixei muito solto e, desta vez, não quero deixar muito solto.

Gostaria de fazer a minha última observação, que é a seguinte: novamente, graças a Dra. Taís aqui a quem, em breve, espero poder passar a Coordenação para ela, assim virarei um Vice-Coordenador – e o Vice é sempre bom, porque ele viceja – mas vejamos – e atenção Abema – o seguinte: Roraima e Acre não foram. Roraima não apresentou alguém e o Acre me fez uma coisa muito triste. Ele inscreveu uma pessoa, recebeu as diárias, o ticket da passagem e acabou não indo. Tanto isso é verdade que uma pessoa do Ministério está tendo o trabalho de recuperar isso tudo com a pessoa do Acre. Logo, esse é outro assunto que nós, Abema, Anamma e MMA teremos que ver, porque atitudes como esta “queimam o filme” dentro do Ministério. A pessoa nem se dignou a ligar e dizer: “Quebrei o pé”, “Dormi”, “Perdi o avião”! Não. Recebeu tudo e ficou “quietinha”.

Então, quanto a Roraima e ao Acre a Dra. Taís me autorizou a que os levemos, a Abema para a Oficina de Natal. Ou seja, a nossa Oficina de Natal terá mais dois Abemas.

Então, acatando uma sugestão da Sra. Zuleica Nycz que me fez às vésperas da 1ª Oficina, via *e-mail*, e também da Dra. Taís que me autorizou a falar, gostaria que a Anamma fizesse um convite à Cidade de Rondon Pacheco, no Pará, pois ela é uma das pioneiras no esquema de convênio com a Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Pará que, desde o mês passado, passou a licenciar o óleo lubrificante usado.

Com um informe destes, ainda estamos com o Centro-Oeste, com o Norte e vamos cobrir esse “buraco”. Reforçando, novamente aqui, que é tudo com a anuência da Dra. Taís.

No mais, era o que tinha a falar. Abri a palavra a todos os presentes. Agora estamos às 11 horas e 35 minutos. Vamos dar o teto máximo até o meio-dia.

Conforme minhas anotações, em primeiro lugar, tem a palavra a Sra. Tatiana Petricorena, pela ANP; Sr. Nilton Bastos e Sra. Zuleica Nycz.

TATIANA PETRICORENA – Não para me justificar, mas descobrimos isso no meio da Oficina: acredito que tanto eu, como a Sra. Carmen Niquel tínhamos uma programação. Saímos daquela última reunião com uma palestra de quase 40 minutos. Quando fui ver, li meu *e-mail* e notei que teria uma hora de programação, sendo que aumentaram o tempo da minha apresentação. Pensei que teria que aumentar o que tinha.

Então, na verdade, e não estou me justificando, mas falando que o que aconteceu foi isso. Realmente, minha apresentação durou uma hora e 10 minutos.

Poderei encurtar a minha palestra e gostaria que ela ficasse próxima à palestra do Sindicom e vou explicar o porquê. Embora estivesse num dos tópicos tanto do Eduardo, quando minha escrita de forma diferenciada, ele falou sobre a diferença dos órgãos. Não precisarei falar sobre isso se a minha palestra vier em seguida à dele. Dessa forma, acho que vou poder cortar até 10 *slides* na minha apresentação. Acho que assim vai melhorar bastante, não ficando repetitivo. Então, este é um pedido meu.

Outra coisa à qual depois você acabou complementando – e que é muito importante – é essa idéia de estarmos levando tanto Roraima, como Acre para essa nossa 2ª Oficina, porque não sei se todos vão se lembrar que tenho *slides* sobre a apresentação, onde se vê que a coleta é menor. Roraima é um local desses e o Acre também. É número é muito baixo.

Na verdade, durante a nossa apresentação não dava para saber quem é que estava. Realmente, a Celma providenciou a lista de presença e daí pudemos constatar quem eram os participantes. Percebi isso.

Outra coisa que me chamou muito a atenção – e que é uma dúvida minha – é que normalmente os *e-mails* são pessoais. Isso é normal, em termos de órgãos do Meio Ambiente, dos municípios? Se lermos vamos ver provedores como *Yahoo*, enfim isso é muito normal?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – É muito normal.

TAÍS PITTA COTTA – Regiões onde a Internet não é muito boa

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Ou, às vezes, o provedor tem um tipo de *spam* que não recebe as nossas mensagens. Daí, a pessoa prefere ficar o *GMail*, com o *Yahoo* para poder ter a garantia de receber as mensagens.

TATIANA PETRICORENA – Gostaria de retornar àquele assunto de não perdermos a idéia da rede, aquela que pretendemos criar com relação aos *e-mails*, no sentido de formações para que possamos estar sempre suprindo esse pessoal de informações.

Era só isso.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra o Dr. Nilton Bastos.

NILTON TORRES DE BASTOS – Bom-dia a todos. Sou do Sindirrefino.

Já externei a todos os senhores, mas quero dizer da nossa satisfação, do nosso orgulho em poder participar juntamente com este Grupo desse evento que, para nós é uma chama que acendeu e que deverá durar por muito tempo. É uma atividade ímpar, precursora à qual devemos nos orgulhar muito.

Estou sentindo muitas críticas pertinentes e outras que poderiam ser um pouco amenizadas, mas eu acho que é isso mesmo. Quer dizer, nós temos de nos criticar e fazer o melhor. Nós temos de dar um show. Dentro desse show de informação, nós temos de melhorar. Cada um de nós tem de dar uma melhoradinha aqui ou ali.

Eu, no nosso setor, achei que o histórico que o rerrefino colocou é um pouco intenso. Nós tínhamos de melhorar um pouco, porque ficou repetitivo com outros palestrantes. É aquela história do acasalamento, aquela história toda. Então precisamos fazer isso e até nos dispormos a dar uma treinada antes, se for o caso, dar uma simulada ou fazer qualquer tipo de... Porque eu chamo isso de um show de informação.

Então alguns de nós somos ótimos comunicadores. Alguns nem tanto, mas todos foram muito bem. Então nós não temos de mexer em muita coisa. Acho que nós temos de mexer no livro texto, evitar esses acasalamentos, essas coisas. E um pouco de liturgia. Liturgia no que tange à abertura e fechamento da reunião.

Estamos numa casa que nos foi oferecida. O dono da casa tem o direito de presidir o fechamento, se assim for convidado para tal. Não é isso?

Então, sabe, tem de ter uma liturgiazinha porque esse pessoal gosta disso.

É evidente que um Diretor do MMA ou do MME, enfim, a maior autoridade do Governo tem de presidir a abertura ou o fechamento. Enfim, nós temos de ter uma preocupação com isso, porque essa liturgia é grata, é necessária. E é aquela velha história de ouvir o Hino olhando para a Bandeira. É uma coisa que é muito importante. Sabe, tem de ter essa liturgia mínima. Eu acho.

Naquele episódio em que eu pedi a palavra, e eu até forcei, porque eu queria agradecer ao Presidente da Anamma...

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Mas eu não entendi que resolvesse aquela confusão.

NILTON TORRES DE BASTOS – ... porque na verdade a liturgia deveria me permitir fazer esse agradecimento, em nome da iniciativa privada ali representada. Como a ONG estava representada, a sociedade civil e como um do Governo deveria fazer.

Enfim, é uma preocupaçãozinha que precisamos ter, que não é nada de muito difícil, é uma coisa simples, mas que precisamos ter. Porque vamos à casa dos outros, às vezes estão cedendo a casa para nós, fazendo e dando apoio, então é uma coisa em que nós podemos nos tornar mais simpáticos, não é? Então este é um ponto.

Um outro ponto já foi falado pela Zuleica, mas nós, todos nós estamos irmanados para fazer um movimento. Então é uma coisa só.

Aquele negócio de discutir, é claro que nós não podemos, houve alguns excessos, mas paciência. Aprendemos com eles. Sem dúvida, aprendemos todos nós.

Outro ponto é que nós não podemos falar de Governo. O Governo está patrocinando tudo isso em grande parte. É o chefe disso. É o MMA, é o MME, a ANP que participa. Enfim, nós não podemos falar ali. Nós às vezes podemos falar mas há dificuldades do Ministério. Nós sabemos disso.

Sabe como é que é? Nós vivemos e convivemos com vocês e vemos o esforço que vocês fazem para tornar as coisas eficientes, e às vezes pecam por um regulamento, por uma série de providências que tem de ser tomadas e que atrapalham o nosso dia-a-dia.

Nós não podemos, quer dizer, nós estamos vendendo para os caras uma coisa de primeira. Entendeu? Essas coisinhas geram uma insegurança. Não é distração. Como é que eles se organizam? Eles não estão vendo o esforço de cada um de vocês para juntar os pontos, para fazer a coisa virar. Eles não estão vendo nada disso.

Quer dizer, eles estão vendo aquele desassossego, aquele desafogo que muitas vezes, e é natural, ficamos às vezes aborrecidos, porque se dá para ir por aqui, tem de dar uma bruta de uma volta para chegar lá. Nós chegamos, e eu sei e todos nós sabemos como é que é. Mas não podemos gerar esse tipo de desassossego.

E volto a insistir, eu acho que é um show. E me surpreendeu o nível das palestras, foram palestras boas, às vezes um pouco até prolixas. Mas no sentido de achar que a melhor comunicação não foi achada no primeiro momento, então se falou várias vezes ao mesmo tempo achando que era um jeito de o povo entender.

Mas eu acho que isso todos nós anotamos, todos nós sentimos.

Agora sou de opinião e concordo com você de que nós temos até de treinar antes. Eu senti, e aqui eu vejo que há uma certa dificuldade antes do evento, para que as pessoas falassem e coordenassem esse tipo de coisa.

Ah! Foi um papel. Mas ninguém leu o papel direito. Se fosse lido, não falaria, não tinha falado. Entendeu?

Mas somos pessoas inteligentes, competentes. Ninguém aqui é primário.

Enfim tem uma série de coisinhas, e nesse tipo de coisas nós temos de melhorar a qualidade do show.

Porque os artistas são excelentes. Os temas estão muito bem alocados. É diminuir, não remontar. Enfim, treinar um pouco para tornar a coisa, como foi dito: Ah! A palestra dele é uma palestra técnica.

Muito bem, então coloca o Freitas, que é engraçado para falar, torna mais leve na seqüência. Enfim, achar alternativas, nós temos de achar, nós mesmos. Quer dizer, não sou que vou achar, é lógico. Temos de achar e fazer a coisa valer.

Mas quanto ao mais, foi um sucesso danado. É uma atividade que nos dá muito orgulho, muita satisfação, e fundamentalmente por ser um instituto precursor, não é? Nós estamos montando um esquema e nisso muita gente, se Deus quiser, vem atrás porque é assim. Enquanto nós não nos submetemos em tudo, nós, sociedade civil de uma maneira geral, aqueles que fazem parte do Governo ou que não; enfim, se nós não participarmos, a coisa não vira.

Então essa participação que é muito importante e que muito nos orgulha.

Era isso que eu queria falar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – O próximo inscrito é a Zuleica. Você quer também?
(Pausa.)

ZULEICA NYCS – Zuleica, da Apromac.

Eu só pedi a palavra naquela hora porque você falou em mediação no final. Mediação é um ponto também importante que eu esqueci de falar, de criticar ou de propor aperfeiçoamento.

O que é mediação? Não é só mediar o tempo. Mas é também deixar fluir algumas coisas que acontecem naquele exato momento e que precisam fluir.

Por exemplo, quando alguém, faz uma pergunta, fez uma pergunta e a forma como foi feita foi por escrito. Mas tinham-me dito que as pessoas também podiam pedir a palavra e fazer perguntas. E como o tempo estava muito curto, não deu certo.

Mas as perguntas surgem e na medida em que as respostas vão sendo dadas vão surgindo novas perguntas. E acho que quem tem de ter prioridade são aquelas pessoas que estão ali para serem informadas, capacitadas.

Então, eu acho que nós temos de pensar no modelo de mediação que queremos. Precisa ser mais flexível a mediação. E nós temos de dar mais tempo para a mediação, para o debate.

Se houver polêmicas, inclusive polêmicas ideológicas. Um órgão pode estar licenciando de um jeito, ter uma noção e não querer entender. Existem questões que têm de vir à tona para ficarem claras. Como a questão que a Hassan levantou na palestra dele, que é a interpretação do Artigo 3º.

O Hassan vai alterar um pouco a forma como ele vai expor isso. Nós conversamos. Ele vai expor isso com uma interpretação da Resolução e não dele, mas não vai mais personalizar no sentido de que de fato é uma interpretação deste grupo.

E eu acho que a mediação vai ter de deixar essas coisas virem à tona. Tanto as questões técnicas, que estou propondo inclusive na ficha de avaliação, para nós trazermos. Como também a questão da liberdade de as pessoas poderem se expressar e tirarem realmente as dúvidas.

Se nós cometermos algum engano na nossa linguagem comum, porque nós não temos um conhecimento homogêneo da questão. Então vai haver, alguém vai falar alguma coisa que não é bem aquilo na palestra. Então nós temos de permitir esse debate longo e a mediação tem de ser muito suave no sentido de não olhar muito no relógio, porque aí vai ter tempo, mas permitir o livre debate.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Eu não me candidato a mediar nenhuma.

ZULEICA NYCS – É. Nem eu.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Conte uma história.

ZULEICA NYCS – Espere um pouquinho. Depois você fala.

O segundo ponto...

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem de respeitar a inscrição. Você quer se inscrever?

ZULEICA NYCS – Espere um pouquinho. Então me ajudem, porque estou querendo aperfeiçoar e não tenho uma noção exata de como deve ser essa mediação. Estou colocando alguns pontos só.

A comunicação entre nós também precisa melhorar. Eu praticamente não recebi o folder, a programação antes para fazer críticas. Eu não recebi nos meus *e-mails*. E eu teria muitas coisas a dizer por que houve alguns erros gráficos ali na relação, por exemplo. Ficou um pouco ruim para ler, para localizar o título, a pessoa ou os temas.

O Hassan veio depois me dizer que os subitens não eram para aparecer, que eram só para orientação para os palestrantes fazerem a sua palestra, não era para estar no programa.

É só um exemplo. O problema de comunicação não é só esse. É mais. Nós temos de melhorar essa listagem de *e-mails* aí dos titulares e suplentes. Fazer um grupo de titulares e suplentes, ouviu, Edmilson?

E quando então for feita a organização da Oficina em Natal, que antes disso já tenhamos uma lista completa dos *e-mails* dos titulares e suplentes deste grupo, dos membros oficiais deste grupo, para que sempre se obedeça a essa lista para qualquer troca de informação sobre a organização etc.

E eu tinha mais uma coisa para dizer, mas agora eu até esqueci, mas é o encaminhamento. Nós não podemos sair daqui hoje sem encaminhamento. Isso que você propôs hoje para a ONG para fazermos, por exemplo, uma das propostas, então vai ter de ter encaminhamento, todo mundo vai mandar para nós as palestras. Mas antes disso nós temos de rever, nós temos de ter cronograma. E é como você falou. Ou respeita o cronograma ou não dá para trabalhar mais. Porque é muita confusão. Nós nos programamos para terminar uma coisa no dia tal, e aí alguém atrasa, mas eu tenho outros compromissos depois desse dia. Eu não posso ficar esperando alguém que não fez. Então nós temos de ter algumas regras aí que você como coordenador eu queria que você propusesse.

Obrigada.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Eu já vou a palavra. Mas eu só fiz aqui uma menção, Zuleica, sobre a história. Isso aí é o quarto item. É porque eu me antecipei e comentei.

Eu acho que devemos fazer assim com a Anamma, com a Abema e tal. Mas eu ia tocar nesse assunto no quarto item, porque também não é assim, não é? Eu sugiro que vocês façam e façam.

A próxima é a Ruth.

RUTH TABACZENSKI – Ruth Tabaczenski, Conama. Departamento de Apoio ao Conama.

No geral, eu vou fazer uma avaliação geral, o que todo mundo já fez, mas só para dizer que eu realmente achei que toda a Oficina na verdade foi muito bem conduzida, apesar de todos os erros citados. E sempre um primeiro evento é premissa para os próximos e correção dos próximos.

Então nada é perfeito. No segundo vai acontecer erros que vamos corrigir. Erros que não aconteceram no primeiro acontecerão no segundo etc. e tal.

O que eu achei assim também que um pouco foi delongado os assuntos porque algumas pessoas não se ativeram exatamente no seu tema. Entendeu? Então se repetiu, falou de assuntos que seriam de outras pessoas ou assuntos desnecessários para o momento. Então nós temos de fazer uma lapidação nisso daí tudo.

Outro ponto: debates.

Eu acho importante que os debates sejam logo após cada tema. Porque já que vai reorganizar, que os assuntos mais pertinentes sejam discutidos imediatamente. Porque depois começa um monte de perguntas de várias coisas e fica um pouco confuso. Até na cabeça das pessoas que estão lá para aprender as coisas. Supostamente essa Oficina é para um tipo de treinamento. Então se você começar a misturar muitos temas, muitos assuntos em respostas, isso fica um pouco complicado na cabeça de quem está começando. Porque mesmo nós estando um bom tempo aqui mexendo com essa Resolução, tem muita coisa ainda que questionamos, muitas coisas não entendíveis e muitas coisas que podem ter várias interpretações. Então eu acho importante o debate ser imediatamente após cada módulo, sei lá como vamos chamar isso.

Outra coisa que foi dita é a questão de lavar roupa suja, que no caso o Hassan falou. Isso aí é uma coisa que aconteceu, e foi até mais entre eu e o Bosco, mais fortemente, porque ele falou sobre o Conama. E como eu trabalho no Conama e eu acredito muito naquilo que eu falo, faço, então eu realmente me senti assim mal se eu não falasse nada. Entendeu? E até peço desculpas para ele pela veemência com que falei no dia e na hora.

Mas realmente não dá para trabalharmos em qualquer coisa que você acredite e não falar dessa coisa, e não defender essa coisa. Além do mais, achei que ficaria essa imagem muito ruim para vários Estados que estavam presentes ali. Então, temos que cuidar bem do que vamos falar, porque essa imagem vai ser passada adiante. Se, por acaso, deixarem essa imagem ser passada adiante, vai ficar muito ruim.

Devemos acreditar naquilo que estamos fazendo, pois estamos defendendo, estamos trabalhando com uma Resolução Conama – e é isso o que estamos fazendo -, pois se denegirmos essa imagem realmente nada vai funcionar.

Acredito – e esse foi um dos motivos pelos quais respondi mesmo e responderia – no que faço, acredito no trabalho de todos os técnicos do Conama: os 108 conselheiros mais os dois suplentes cada um. Então, o Brasil inteiro com todos os setores participando da construção. Não sai nada perfeito, porque todo mundo tem o seu interesse e quer que esse interesse seja atendido. Portanto, sai um bichinho meio disforme, atendendo um pouquinho os pedidos de cada um. Na verdade, jamais vai sair uma resolução perfeita para ninguém, porque cada um dos setores é atendido em só um pouquinho. Sempre haverá críticas.

Justificando o colega João Bosco e me desculpando pela minha veemência daquele dia, mas realmente me senti na obrigação de defender o Conama.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra o próximo orador inscrito, Sr. João Bosco.

JOÃO BOSCO – Acho que não fui bem entendido naquela questão e também peço desculpas à Ruth, porque minha intenção não foi agredir o Conama, em absoluto.

Digo o seguinte: entendo que uma das falhas dessa questão, até porque trata do nosso público alvo, são os agentes executores, os fiscais. Portanto, as dúvidas que vão suscitando – e daí acho que não estamos cumprindo isso, visto que a questão do treinamento é fundamental no sentido de que possamos levá-lo a eles, é aquela situação fática. É o que ele vai encontrar na prática.

A pergunta que vai chegar a mim é a seguinte: o que o óleo tem a ver com o licenciamento? O que eu faço com o óleo que apreendi? Para onde mando isso? Como testarei esse óleo para dizer que, realmente, é o óleo que estou fiscalizando?

Para os senhores terem uma idéia, todos os anos fazemos um trabalho voluntário de um curso de aperfeiçoamento do pessoal da Polícia Militar do Distrito Federal. Citei a questão do óleo e até gostaria de saber se os senhores concordam de, futuramente, despende um curso para esse pessoal que tanto nos ajuda nesse tipo de trabalho. Também estou aproveitando a deixa aqui até para justificar o que estou falando quanto à questão da complexidade da legislação.

Por exemplo, amanhã vou ter que fazer uma palestra na Polícia Federal. Até estava dando uma pequena preparada nela aqui com relação aos agro-tóxicos.

Os senhores poderão notar que o nível do pessoal da Polícia Federal hoje, do pessoal da Peritagem da Federal é altíssimo, mas a essa questão de Poluição, de Contaminação, estou há 13 anos em órgão ambiental, dentro dele trabalhando com isso. Acho que Carmen Niquel deve ter um bom tempo nessa questão.

Ainda é terrível se trabalhar com isso. Não é fácil, não. Dá vontade de você ir para a Pesca, porque daí você pega o peixe, mede o peixinho e vê se ele está fora ou está dentro. Acabou. Você pega o animal e vê se ele está coberto ou não coberto pela legislação. Porém, quando você entra na questão Poluição você aí tem o fator da complexidade da norma. Por quê? Porque é uma lei que lança para um decreto que lança para uma resolução.

Para o “cara” entender todo esse processo – e como entendi que o público era composto de pessoas que trabalham na prática – todos os questionamentos vão chegar nesse sentido.

Como faço isso? Não estou dizendo que isso tem campo.

Para os senhores terem uma idéia, um auto de infração do Ibama que envolva embargos, enfim esse tipo de coisa que quase dura três horas. Se você tem que medir a madeira, a coisa não é assim. Desculpem-me o termo, mas não é “à galega”! Não é assim, não. Você não pode dizer que tem 70 mil metros cúbicos de madeira, não. Você tem que ir até lá, medir aquela madeira, porque aquilo vai gerar um auto que vai ser encaminhado ao Ministério Público e você vai ter que responder se fizer alguma besteira.

É por esse motivo que estou falando tudo isto. Por exemplo, quando você faz um embargo a um produto, quando você faz a apreensão desse produto, se você vai deixar um embargo dessa empresa ou se você vai fazer a apreensão desse produto você tem que deixá-lo à disposição da Justiça. Se for perecível você pode doar, mas existe a legislação que...

É o que digo: existe muita situação fática. Minha crítica – e talvez a Ruth não tenha entendido – é que acho que fazem tantas leis, tantas leis que é terrível a distância da execução, a condição de você trabalhar! Não é fácil, não!

Estou contando a todos vocês sobre a Polícia Federal que, hoje, tem o melhor nível de peritagem que conheço no Brasil em termos de Meio Ambiente. Não conheço outra igual. Eles estão “apanhando” do mesmo jeito que “apanhamos”, que os órgãos estaduais “apanharam” e que todo mundo “apanha”. É por isso que digo que é complicado. Muitas vezes a legislação vem com o computador “danado”. Essa foi a minha crítica, já que você estava falando do pessoal de execução. Então, fiz essa crítica, porque acho que devemos firmar um posicionamento, pois estamos falando com pessoas que executam. As perguntas vão ser assim – dando o exemplo da Carmen: “Carmen, como trato este Licenciamento?” Eles vão fazer questões assim, o questionamento vai ser esse. “Bosco, apreendo o óleo. O que faço? Agora, onde vou colocar isso?”

Se tivesse mais tempo para falar, contaria para os senhores casos em que os senhores morreriam de rir! Posso só dar um pequeno exemplo rápido aqui. Uma vez fizeram a apreensão de cianeto, que obviamente é utilizado na atividade minerária para ouro, e o levaram para uma delegacia.

Quando o cianeto reage com água vira gás cianídrico e todas as vezes que chovia lá nessa localidade o delegado soltava os presos que iam para a rua. É assim que a “banda” toca. O que posso fazer?

Gostaria que tentássemos aproximar um pouquinho mais a questão prática para essa Resolução do Conama poder surtir efeito.

Mais uma vez, peço desculpas à Ruth aqui, porque não foi objetivo meu atacar o Conama, mas com isso até vários conselheiros falam muito mais coisas a respeito da complexidade da legislação. Ela é complexa, sim. Colocar isso em prática é muito difícil.

Gostei muito da questão do treinamento. É um assunto importante. Acho que precisamos aparar arestas com relação a Licenciamento para falar na hora do que se trata, do que não se trata.

Também fazendo a minha *mea culpa* acho que temos que melhorar a questão procedimental no sentido de ser dizer: “Você faça isso, você faça aquilo em casos de apreensão, de embargo etc”.

Foi basicamente isso que aconteceu. Talvez não tenha sido muito bem interpretado e, novamente, desculpem-me qualquer coisa quanto a essa questão.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes de passar a palavra ao próximo orador inscrito, vou repetir o que disse lá: estava na Mesa no momento em que essa questão saiu.

Entre os meus “parentes” Conama e Anamma deixaram o MMA numa situação horrorosa, de saia justa, encerrando o evento. Tudo é contornável, é tudo tranquilo. Até foi bom ter aparecido isso, porque dessa forma vimos que a “coisa” não estava tão afinada como parecia.

Antes de qualquer coisa, gostaria de dizer que vamos almoçar por volta das 12 horas e 30 minutos em ponto, a convite do Sindirrefino.

Tem a palavra o Dr. Ruy Ricci, do Sindilub.

RUY RICCI – Vou ser breve. Acho que cumprimentar a organização é dispensável, pois todas as críticas que apareceram aqui, os pontos que foram levantados em muito convergiram para o mesmo local. Porém, gostaria de registrar.

Só gostaria de colocar a sugestão de que nós revejamos para a próxima reunião que em alguns setores regulados não foram previstas perguntas. É como foi o caso da atividade do TRR que surgiu lá.

A Sra. Tatiana Petricorena respondeu. Até eu mesmo tentei responder. Já falei com o SindiTRR que mesmo sem material já o fizeram. Inclusive, numa reunião prévia, estão dispostos a vir até aqui fazer uma apresentação exatamente sobre o problema do desvio de lubrificantes. O Sr. Walter Françolin já conhece esse trabalho e acho que poderíamos colocar essas atividades que ainda são regulamentadas e estão no processo, e que são partícipes. São lubrificantes, etc e estão no processo.

Também poderíamos abordar, de alguma maneira, ainda que não regulamentado, o caso da revenda do atacadista que está previsto na Resolução – e que não foi devidamente abordado.

Essa não é uma crítica, mas o Sr. Eduardo me pegou no dia da reunião, exatamente quando cheguei lá, para falar: “Você recebeu a minha apresentação?” Por uma coincidência, minha secretária havia baixado, mas ele havia enviado às vésperas da apresentação. Eu a li no avião e disse a ele que havia recebido, mas que tinha algumas observações a fazer. Ele disse que estava bom, ele concordou. Quanto ao fluxo de comercialização, ele até disse que vai mudar, que vai acertar alguns detalhes. O detalhe é que ele ainda me perguntou: “Você se incomoda? Vou citar o Sindilub e o Sindicom na minha apresentação”. Disse que estava tudo bem, que não haveria problema e que iria mudar a minha estratégia. Fez as observações na apresentação dele. Mesmo assim, ele ainda me perguntou: “Ruy, posso colocar o Simepetro?”

No começo da história do Simepetro, quando estava nesse sindicato, participei muito e falei muito pelo Simepetro.

Perguntei a ele se havia algum representante do Simepetro e acabou não havendo qualquer representante do Simepetro. Disse a ele que não poderia falar pelo Simepetro. Então, liguei para o Sr. Carlos Ristum, que hoje é o Presidente do Simepetro, e ele havia ficado “meio assim”. Falei a ele o seguinte: “Olhe, achei melhor colocar do que não colocar”. Daí, ele colocou.

São essas coisas que acho que deveríamos simplesmente corrigir.

De tudo o que vejo, convido-os a fazer uma reflexão. Ouvimos todas as críticas, sabemos que precisamos melhorar; talvez, precisemos de gente conosco mesmo. Sem dúvida, temos muito a melhorar o apresentado, mas quando foi apresentado o resultado do OK, do ótimo, do bom, do excelente etc a reflexão me levou ao seguinte: estamos no caminho certo e a distância é muito grande.

O que levamos em conta, com todas essas falhas às quais apontamos, foi muito. O que o campo que está lá fora está precisando é de muita informação.

Acho que estamos no caminho certo e é essa a reflexão pela qual quero terminar o meu comentário.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra o Sr. José Alberto Santos.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Pegando um pouco o comentário da Sra. Zuleica Nycz, começamos aqui e agora, de certa forma a “sonhar”, a idealizar. Mas o bom é lembrar que o grande problema que tivemos foi o controle de tempo.

No tipo de mediação: “Ah, vamos deixar trazer, vamos deixar discutir” tem certo tempo. Acho que é importante como o caso em que usamos o Seminário do ano de 2006, a cada duas palestras, fazer-se um novo módulo, por exemplo, antes do evento do Café, antes do evento do Almoço, enfim você promover o debate.

Agora, tudo isso tem uma limitação, porque senão vamos “matar” a segunda parte.

Então, é isso, Sra. Zuleica Nycz: é com essa contradição que precisamos tomar um pouco de cuidado, porque queremos fazer o debate, mas o debate também tem limites, pois logo em seguida vai haver um *Coffee Break*; logo em seguida vai ter a segunda parte do primeiro módulo.

Portanto, é essa coisa que o Coordenador Edmilson fala muito bem aqui ao se colocar o relógio temos que controlar o tempo. Talvez aquilo que esquecemos, que já falamos há muito tempo é o problema da rede. É bom não se esquecer que terminada a Oficina, não vamos abandonar o pessoal. Temos que fazer uma rede e tudo aquilo que foi coletado, adicionado e não respondido – e por isso é importante se deixar por escrito – alguém terá que responder, alguém terá que continuar esse “papo”.

Se levantaram cinco perguntas, se têm mais 10 perguntas em estoque peguem essas 10 perguntas, distribuam e, depois da Oficina, a pessoa vai poder responder. Daí vai responder de uma forma muito mais calma, com maior tranquilidade, de uma maneira mais didática de expor o problema.

Era apenas isso o que queria lembrar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra a Sra. Carmen Niquel.

CARMEN NIQUEL – Gostaria de fazer uma reflexão junto acerca da necessidade e padronização dos entendimentos.

Existem alguns pressupostos que são importantes no nivelamento do conhecimento tanto do GMP, quanto de todos os participantes e que são duas questões extremamente importantes: o Sistema de Licenciamento no País. Não existe e nem entre nós existe esse entendimento claro. O processo de Licenciamento Estadual que está migrando para um Licenciamento Municipal se dá em cada Estado de forma diferenciada.

Cada Estado tem uma tabela de atividades de porte e potencial que passa, mediante habilitações dos Municípios para Licenciamento, Aprovação nos Conselhos Municipais, onde essas atribuições são passadas.

Outra coisa importante, além da municipalização, eu poderia aqui falar um tempão, que eu vou abreviar, como Conselheira no CREA, dois anos atrás, nós fizemos um levantamento, porque o Estado do Rio Grande do Sul é onde começou a municipalização e onde o maior número de Municípios está fazendo licenciamento. São 165 Municípios.

Então nós fizemos um levantamento da qualificação técnica desse corpo técnico existente nos Municípios que dão licenciamento. E eu vou dizer para os senhores que é sofrível esse resultado.

As municipalizações se dão pós Resoluções dos Conselhos Estaduais de Meio Ambiente. Isso precisa ser dito e eu estou sentindo a necessidade de dizer porque eu sei que não é do conhecimento de todos, nem é obrigação que seja.

Então, o Município para se habilitar tem de ter um Plano de Meio Ambiente. Ele tem de ter lei ambiental. Ele tem de ter um Conselho Municipal de Meio Ambiente. E ele tem de ter, alguns Estados pedem, outros não, uma equipe dedicada. E essa equipe dedicada tem várias formas de que elas constem na própria Resolução.

Existem Municípios onde o licenciamento é feito por tarefeiros, onde não são pessoas do quadro, não têm habilitação técnica compatível com as atividades existentes no Município.

Portanto, e aí vem o gancho para a segunda questão importante, que é, dentro da questão ambiental, que é o conhecimento técnico.

Não adianta alguém que seja leigo querer saber um aspecto técnico do licenciamento. Ele não é competente para tal. Não adianta estar numa equipe de licenciamento se eu não domino, se eu não sei, se eu não conheço a atividade, eu não sei ver, eu não sei exigir, eu não sei fiscalizar, não sei nem autuar. Certo?

Então esta é a questão que eu queria frisar, da importância disso, desses pressupostos, que é o conhecimento dessas etapas do licenciamento. Em alguns Estados não existe a capacitação pelo Município para licenciar atividades que envolvam riscos. Em outros Municípios não existe a competência delegada para licenciar o rerrefino, para licenciar atividades que envolvam armazenamento de resíduos perigosos, que é o caso.

Então, assim, é importante isso e o conhecimento técnico.

Não adianta eu achar que eu vou licenciar rerrefino, e aqui está falando alguém que tem experiência, eu já me declarei lá na Oficina o tempo de experiência, como Engenheira Química atuando no órgão licenciador. Então eu não estou falando como quem acha. Eu estou falando como quem vive, da dificuldade que é, para quem tem esse conhecimento, julgar uma determinada proposta de licenciamento. Imaginem para quem está começando agora. Agora imaginem para quem nem tem habilitação técnica.

Nós temos casos de órgãos ambientais que estão regionalizados, onde eu recebi essa informação das próprias pessoas do órgão ambiental em que a licença é dada.

E aí eu não tenho nada contra, vejam bem, profissão nenhuma. Todos nós somos importantes para a sociedade. Mas licenciando uma atividade eminentemente técnica que envolve resíduos industriais, a licença é dada por Administrador.

Gente, nós temos de ter consciência disso! Nós temos de ter essas informações decodificadas para esse tipo de representante que nós vamos ter lá nas nossas Oficinas. Então, assim, só para nivelar essas preocupações, diluir um pouco essas angústias que eu tenho.

E nesse sentido, em função até da preocupação apontada pela Tatiana, da importância da apresentação no início dos trabalhos.

Os palestrantes, eu não consigo dar uma palestra sem saber para quem estou falando.

Então isso é importantíssimo, até para pautarmos exemplos. Porque uma coisa é o *PowerPoint* e nós sabemos. Uma coisa é um *PowerPoint* que regra mais ou menos o que se quer falar. Outra coisa é baseado, um palestrante que todo mundo aqui tem experiência, dependendo do seu público alvo vai estratificando e detalhando aquela mesma informação no sentido de atender a expectativa do teu público alvo.

Então, assim, eu vejo que é importantíssimo que seja dito nome, formação, cargo e de onde é, e qual o órgão ambiental a que ele pertence.

Era isso.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes de passar para os dois últimos inscritos, avisando que são os dois últimos, bem lembrado, o nosso almoço será no Galeto's da Alameda Santos.

Celma.

CELMA DOS ANJOS – Celma, da Anamma.

Eu ouvi todos e algumas coisas eu queria colocar.

A questão da padronização do licenciamento e tudo, a Anamma tem visto aí nessas andanças que é muito difícil para os pequenos Municípios que estão agora nessa questão do licenciamento fazer essa padronização.

E um dos itens que está sendo até citado lá na Câmara Técnica é a questão da listagem do CNAE, para utilizar aquelas especificações que existem lá. Então de região para região, isso é muito difícil. Não está sendo fácil. Então este é um dos itens.

Outro item falado aí é a questão dos Municípios que participaram da 1ª Oficina, que saíram de lá e muita coisa ainda não foi respondida, eu quero deixar registrado que alguns desses Municípios têm-nos ligado, e dependendo daquilo que nós temos condições de dar respostas, já estamos respondendo. No momento em que aparecer algum questionamento em que não tivermos essa competência, podem ter certeza, vamos repassar a vocês. Está bom?

Com relação à questão da capacitação, que a Carmem acabou de falar, a Anamma está estudando a possibilidade de iniciar ainda este ano, não sei se vai ser possível, para este primeiro semestre não vai ser possível, mas para o segundo semestre há possibilidade de dar cursos de capacitação para os Municípios que tiverem interesse.

E dentre dessas Resoluções que estão aí sendo implementadas, a 362. Muito provavelmente vai ser a primeira que vai ter as suas capacitações.

E vamos tentar, ao longo em que se for estruturando melhor essa proposta, nós vamos contatar com vocês para ver essa possibilidade de participação ativa de todos.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Encerrando a lista, o próximo é o Dr. Walter Françolin. (Pausa.)

OK. Então está encerrado. O Dr. Walter não pretende se pronunciar. É meio dia e quinze. Vamos ver se nos esforçamos para estar aqui por volta de umas quinze para as duas no máximo, por causa dos aviões do fim da tarde, que os de fora têm esse problema com a entrada de tantos veículos nas ruas de São Paulo e do Brasil inteiro, todo dia, com o que está ficando cada vez mais difícil fazer essas reuniões em um dia. Vamos lá. (Pausa.) Muito obrigado.

* * *

Período da Tarde

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Boa tarde.

Item 4 – Organização da 2ª Oficina de Natal.

O negócio é o seguinte, pessoal.

Foi remetido às Secretarias Estaduais de Meio Ambiente dos Estados do Nordeste, no dia 1º de abril, não é mentira, um ofício que é um ofício clássico da Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental do Ministério pedindo aos Secretários a indicação de um técnico para participar do evento.

Não tem como fugir a essa burocracia porque se trata de uma comunicação de Secretário de Estado para Secretário de Estado. Não dá para sair um ofício da Secretaria e logo depois sair um de uma Diretoria ou de uma Gerência para ficar confirmando a mesma coisa. Isso não é possível em termos da organização burocrática do Governo Federal. Assim aconteceu nessa 1ª Oficina, eu temia, por isso volto de novo a fazer um *mea culpa* no assunto, eu temia e aconteceu o que eu vou relatar para vocês.

Quando mandamos para uma Secretaria, o Gabinete do Secretário em geral filtra e começa a mandar para privilegiar alguns conhecidos dentro da Secretaria.

Acontece que hoje na maioria dos Estados brasileiros, o Estado possui a sua Secretaria de Meio Ambiente, mas possui um órgão executor dessa política.

Então, por exemplo, o Estado de Minas Gerais tem a Secretaria de Meio Ambiente, mas quem fiscaliza e trabalha é a Fepam, a Feam. E por aí vai, todos os Estados são assim.

Aí você fala: mas por que vocês não mandam ofícios para os executores? É porque eles são subalternos da Secretaria.

Então não tem como fazer com que a minha Secretaria fique mandando ofícios repetitivos para escalões inferiores.

Então, eu a Carmem Níquel, como representante da Adema, é que temos de resolver essa questão, e chegar na ponta mesmo de quem é que licencia. Porque, como eu vi, alguns dos que foram lá na Oficina de Goiânia não estavam ligados a esse tipo de atividade e muito menos a licenciamento.

É um conhecido daqui, que é conhecido de um outro, que soube que o ofício passou.

Mas nós começamos a conversar, eu e Carmem, e nós vamos resolver isso.

Nesse ofício de 1º de abril foi marcado o dia 10 de junho para ser o último dia das inscrições, tanto da Adema, da Anamma, do Ibama ou de quem quer que seja inscrito, para que tenha passagem e diárias financiadas pelo Ministério do Meio Ambiente.

Eu pretendo e quero não ter de abrir mão como da outra vez. Isso vai depender muito do trabalho de nós três, Celma, Carmem e Edmilson para justamente telefonar, pressionar, ir atrás porque não vamos deixar tal nível do outro jeito o que não é possível.

Então, para isso, eu estou acatando uma sugestão do Dr. Walter Françolin, para que tiremos uma data agora em maio, e eu havia dito na avaliação que eu acho que o Ministério do Meio Ambiente, na minha pessoa, a

Anamma, a Adema, o Sindirrefino continuem no crivo de organizar o local, negociar todas essas questões de pessoas, diárias, esse tipo de coisa.

E sugiro à Apromac que faça a sistematização e ajuste da programação. Por quê? Porque a Apromac tem feito, fez esse trabalho muito bem no Termo de Referência, e em outros assuntos de sistematização, o que daria alívio principalmente para nós, que ficamos nesse esquema (4:28), que temos de ficar olhando se se necessita de uma nova sistematização, de uma nova programação, de um ajuste de tempo, horário e de sinopse.

Aqui foi sugerido hoje também que fizéssemos um treinamento antes da 2ª Oficina. Eu acho completamente válido. E se for possível, nós acertamos essa data aqui. E se não for possível, eu vou arrumar um jeito de comunicar, eu vou acatar a sugestão da Zuleica, eu vou passar um *e-mail* para vocês, com todos os *e-mails* dos membros.

Existe uma série de *e-mails* que não são dos membros. Espero que não se sintam: “Ah, mas não saiu o meu nome”. Vou passar os nomes dos membros titulares e suplentes, porque dessa forma as comunicações ficam mais fechadas. Porém, isso não quer dizer que elas não sejam transparentes. Isso vai aumentar.

Lembro-me que Fernanda me entregou uma lista de 27 membros e hoje contamos com 38 membros. Quer dizer, daqui a pouco vou ter uma lista de cento e tantos. É agradável para nós, mas não dá para ficar conversando.

Então, só quero perguntar ao Dr. Walter se ele tem alguma sugestão de data da nossa ida a Natal, porque preciso para o caso das Sras. Carmen Niquel e Celma dos Anjos para irmos lá, depois de uma prévia conversa sobre tudo, no que diz respeito à organização “x”, de cinco dias úteis, porque senão não conseguirei transportá-las.

Vamos discutir uma data prévia? O senhor tem idéia de quando poderemos ir até lá?

WALTER FRANÇOLIN – Senhor Coordenador, passei a cópia de uma mensagem via *e-mail* que, na condição de Diretor da Fiesp, fiz encaminhar ao Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não só li, como está no meu arquivo.

WALTER FRANÇOLIN – Depois disso, mantive contato com Isabela, que é a Secretária Executiva da Presidência da Federação, solicitando que ela desse um *feedback* a respeito do que foi solicitado no ofício, porque lá na Federação eles possuem dois auditórios. Um auditório com capacidade para 250 pessoas e outro que comportaria, no máximo, 50 pessoas. O auditório é para 40 pessoas, mas as cadeiras não são confortáveis e não encontraremos aquela estrutura que encontramos em Goiânia.

Assegurou-me ela que entraria em contato com o Centro de Treinamento, que não pertence à Federação das Indústrias, mas o Idema que é o órgão do Instituto de Defesa do Meio Ambiente lá do Estado manteria convênio. Inclusive, é um auditório de uso da Petrobrás. Ela ficou de me dar um retorno a respeito disso, em primeiro lugar, no sentido de se havia a possibilidade desse auditório ser utilizado, o que esse auditório poderia disponibilizar em termos de equipamento, como data *show*, se haveria ou não haveria a gravação, enfim qual seria a infra-estrutura desse auditório. Em terceiro, qual seria tamanho do comprometimento e da participação das próprias Indústrias, tendo em vista que é um evento que também interessa à Indústria local, embora o que predominam lá na região são as Indústrias Cerâmicas.

Como é um assunto que não é bem ligado à Cerâmica talvez não suscitasse tanto interesse como no caso de Goiânia, onde lá contamos com o apoio muito grande da Elaine, na Presidência da Federação.

Já solicitei a ela o retorno de um posicionamento oficial, porque temos algumas metas a serem cumpridas, alguma programação a ser verificada e ainda não obtive qualquer tipo de resposta. Pode ser que tenha entrado ontem no meu computador. Não estive ontem em São Paulo. Estive no Rio de Janeiro numa reunião na AMP e hoje também não fui para lá. Então, se oficialmente chegou alguma coisa ainda não tive acesso. Digamos que gostaria de contar com dois dias para que possamos cobrar uma posição dela e, a partir daí, até poderemos deixar consignada uma outra data para o nosso deslocamento, se houver essa necessidade.

Agora, acho que a presença a Abema se faz necessária, independentemente de qualquer coisa, porque mantive contato com o Sr. Luiz Augusto, que é o Diretor do Ibema, e assessor direto do Dr. Eugênio, ficou de verificar a possibilidade da realização do evento lá nas próprias instalações do Idema e não me deu resposta, embora tenha dito a ele que não haveria qualquer problema da nossa parte em organizarmos, através da iniciativa privada, desde que ele não se opusesse, visto que a prioridade seria do órgão, a prioridade seria da Abema se eles entendessem por bem já que são os “anfitriões” e já que é um assunto ligado diretamente aos interesses da própria Abema, enfim se eles não se opusessem poderíamos tocar através da Federação ou, eventualmente,

através de qualquer entidade particular seja Senai, através de algum hotel no sentido de que pudéssemos fazer essa locação para esse evento.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Diante desse quadro, apenas tenho a dizer o seguinte: assim que o senhor obtiver a resposta de uma data, o senhor me comunique o mais urgentemente possível para poder tentar levar tanto a Sra. Celma, quanto a Sra. Carmen.

Não gosto de contar isso, mas vou contar: há um expediente que podemos usar para viagens com maior urgência, via Dra. Taís. Não gostamos de comentar isso, porque senão todo mundo vai querer e isso vai virar rotina em pedidos e tal.

Senhora Carmen, independentemente da data em que isso venha ser sugerido, a partir de amanhã, vamos fazer um “bate bola” para fazer certa pressão, porque o dia 10 de junho está chegando. Vamos precisar pressionar muito, principalmente com o devido foco, porque de “nego” passeador em evento já estou por aqui!

A mesma coisa acontece para a Anamma, mas quanto a isso confio em todos os senhores.

Relembrando, um Abema por Estado – e são nove Estados; uma Anamma por Estado mais Roraima e Acre – e vamos ter que trabalhar Roraima e Acre, pela Abema – e Rondon Pacheco que já está aí. Totaliza 21 nesse quadro com mais nove para que o Estado do Rio Grande do Norte resolver, por conta dele, levar como fez a Anamma em Goiânia. Daí quero ver porque, de repente, vocês negociam entre vocês, dessa forma, “rachando” entre vocês dois. Mas esses outros nove não serão custeados pelo Ministério. É aquilo que chamo de “Grande Capital”. Se a grande Natal resolver trazer mais nove para ouvir, vai ganhar certificado, vai participar de tudo direitinho como foi lá em Goiânia. Então, acho que depois vocês poderão fazer um “bate bola”.

Antes de passar a palavra ao Dr. Walter Françolin, quero comunicar que está havendo um acréscimo em relação à outra Oficina. Daquilo que havíamos acordado, em torno de 20 a 25 pessoas caminhando para 30 pessoas nessa Oficina com esses ajustes, com tendências a irmos fazer outros ajustes em outras Oficinas. Isso não quer dizer que nós não vamos deixar de levar algumas pessoas para levar outras.

Tem a palavra o Dr. Walter Françolin.

WALTER FRANÇOLIN – Senhor Coordenador, acho que realizamos o evento de Goiânia, é claro que com o apoio da Federação e tudo mais, mas foi um evento que custou muito pouco para a iniciativa privada.

Usamos toda a estrutura da Federação, realmente houve um custo insignificante e se pudermos contar com essa infra-estrutura em Natal poderemos alocar parte daquela verba que é destinada a custeio do local para arregimentar a presença de outros participantes que entendam por bem comparecer.

Conversando comigo na hora do almoço, a Dra. Taís fez uma sugestão muito interessante, ou seja, seria o próprio Ministério reforçar o pedido da Federação endereçando ao Presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte um ofício dizendo da importância do evento, do porquê a necessidade do evento ser realizado naquela região, enfim justificando a adoção e a escolha.

Quero crer que isso possa reforçar e abreviar a decisão por parte da Presidência da Federação, quando ficarmos, então, com liberdade para alocarmos esses recursos para outros fins.

CARMEN NIQUEL – Da Abema também?

WALTER FRANÇOLIN – Da Abema também, é claro, não há dúvida.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – O ofício estará nas suas mãos amanhã, às 14 horas.

TAÍS PITTA COTTA – Não tem problema, porque vou ficar em São Paulo.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Mas ficará sobre a sua mesa amanhã, às 14 horas.

Depois, você poderia me fazer um pequeno *releasing* endereçado a quem, mais ou menos o que você quer que fale para podermos fazer corretamente. Isso vai agilizar muito aos vários diretores que, por várias vezes, interpretam diferentemente e já querem corrigir o texto. Dessa forma, poderão levar “mastigado”.

WALTER FRANÇOLIN – Farei isso.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra a Sra. Taís Pitta Cotta.

TAÍS PITTA COTTA – Nas nossas discussões da necessidade de fazermos um ajuste fino nas palestras, nas apresentações e até um treinamento penso que seria interessante fazermos uma reunião dessa comissão organizadora – e que não é comissão organizadora.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Denominamos de *petit comité*.

TAÍS PITTA COTTA – Um *petit comité* com os palestrantes.

Acho que poderemos pensar numa data para fazermos essa reunião e terá que ser logo para que todos possam adequar as suas palestras, enfim para que o *folder* da apresentação ficasse pronto com os nomes dos palestrantes, tudo de forma “direitinha”.

Não sei, mas pensei em alguma coisa para o início de junho.

Pode ficar como sugestão e, daí, vamos pensar no local.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Para melhorar a sugestão da Dra. Taís, acredito que esteja aceito pela Apromac essa sistematização, ou seja, a Apromac fará essa proposição a todos nós. Enfim, a data do treinamento do *break* (? 16:10)

TAÍS PITTA COTTA – Em primeiro, o *petit comité*.

HASSAN SOHN – Em um primeiro momento já aceitamos o encargo de fazer a sistematização oficialmente no microfone. Vamos trabalhar nisso um pouco, vamos dar um *start* nessa questão da programação e, depois, vamos fixar um mandato. É isso? Vamos trabalhar o mais brevemente possível. Em primeiro, na programação...

ZULEICA NYCZ – ...da palestra e, depois, na reunião.

TAÍS PITTA COTTA – Precisamos, mais ou menos, na primeira semana de junho ou alguma coisa assim, que o nome dos palestrantes fique definido, a ordem das palestras também...

ZULEICA NYCZ – O conteúdo.

TAÍS PITTA COTTA – Daí, o conteúdo trata de um trabalho interno, mas essas outras informações para que os *folders*, a apresentação, o material que vai ser editado e impresso tenha tempo de ser feito.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Nessa histórica, como sugestão da Dra. Taís, sei que você está tendo muito problema para viajar. Se, de repente, for o caso, sugiro que façamos esse treinamento lá em Curitiba. Dessa forma, você já acertaria a sua agenda, porque está muito difícil de se deslocar das coisas e com razão, porque se o patrão não pagar você vai trabalhar no GMP. Isso pode não ser necessário, mas não se esqueça de nos consultar, veja direitinho, porque pelo exemplo que estou dando, de repente, a Sra. Tatiana Petricorena ir, mas dá para o Eduardo ir; de repente, o Sr. João Bosco não vai, mas o Sr. Zanin vai.

Portanto, temos que nos comunicar. É uma coisa que foi avaliada aqui: nós nos comunicamos mal nos seus “detalhezinhas” da 1ª Oficina.

Nesse ponto até vou fazer um elogio à Apromac: nesse ponto, vocês são bons de comunicação; vocês se comunicam direitinho, marcam as datas direitinho, enviam os *e-mails* direitinho e tal. O meu lado Federal é que fica um pouco ruim nesse assunto.

HASSAN SOHN – Então, tenho uma proposta de encaminhamento. Vamos trabalhar inicialmente, vamos partir conforme o que foi feito em Goiânia. Já vamos fazer alguns apontamentos.

Peço a todos os colegas que em querendo já, de imediato, enviar algum material, algum apontamento: “Olha, acho que tem que se mudar aqui, acho que tem que se falar sobre isso... Acho que eu posso falar sobre isso”, enfim que já enviem ao meu *e-mail* o quanto antes possível.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – É bom trazer a abertura no dia (Inaudível.)

HASSAN SOHN – Vamos trabalhar a grade horária, porque não ficou a mais adequada.

O que quero pedir a vocês é o seguinte: cada um tem em mente algum tópico que tem maior facilidade de abordar, sobre algo que queira falar.

Então, mandem isso já. Por quê? Porque vamos rever aquela programação.

É evidente que a 1ª Oficina foi feita com um planejamento. Se não tivessem ocorrido as fugas do planejamento, nós teríamos atingido melhor o nosso objetivo.

Mas eu entendo também que como houve pouco tempo de comunicação, o planejamento não se adequou muito às realidades. Então eu quero ouvir as realidades para ver o que podemos melhorar aí.

Então peço a todos que mandem essas contribuições.

E fechada esta primeira rodada, eu vou transmitir para todos um texto básico já do que seria o planejamento para a próxima Oficina. E então poderemos trabalhar a partir daí.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Zuleica.

ZULEICA NYCS – Então, o que estou entendendo é que o Hassan não teve tempo de conversar ainda. Mas pelo que entendi da conversa de manhã, da necessidade do encaminhamento lógico das palestras, do conteúdo ser um mas logo atrás do outro, sem repetição, sem ninguém entrar no assunto do outro ou deixar de fazer o seu.

Então eu acho que precisa fazer uma revisão desse programa aqui, é lógico que é isso que o Hassan deve estar propondo. Os interessados em cada uma dessas palestras vão propor pontos para ele. Ele vai sistematizar e mandar de volta para nós. É isso?

Eu acho que tem de estabelecer data para tudo isso, porque estamos com pouquíssimo...

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Um cronograma.

ZULEICA NYCS – Ter um cronograma para a primeira tarefa. Quer dizer, chegar na estrutura da Oficina, como uma Oficina, não é um Seminário, é uma Oficina.

Então, lembrando que tem de ter um tempo para debate, para perguntas, inclusive para responder a ficha de avaliação, que não teve tempo.

Se vocês acatarem a minha proposta de fazer na ficha de avaliação também a avaliação técnica do que eles aprenderam, sei lá, vão 5 perguntas talvez, se vocês acharem, 10, 2, alguma coisa assim, tem de ter um tempo, porque se não todo mundo vai embora. Cinco perguntas então.

CELMA DOS ANJOS – Uma para cada tema.

ZULEICA NYCS – É. Para coleta, para isso, para aquilo, para rerrefino, para fiscalização, para ver se eles aprenderam. E daí com essas perguntas, que também poderíamos formular logo, nós conseguimos construir o conteúdo das palestras. Tem de ter esse conteúdo. Certo? Se não nós não vamos poder responder. Para amarrar uma coisa com a outra.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Zuleica, só para colaborar um pouco.

É importante, Hassan, que nem estávamos conversando, fazer um programa para nós, enquanto palestrantes, onde você detalha os tópicos que você tem de comentar e falar. E outra coisa é um programa de uso externo para quem vai participar. Perfeito?

ZULEICA NYCS – É outra coisa.

TAÍS PITTA COTTA – Como palestrantes.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Perfeito? Então são coisas diferentes.

Enquanto palestrantes, nós precisamos ter bem detalhado o tempo que nós achamos necessário, os tópicos que precisamos abordar, tudo direitinho. Para uso externo é outra coisa muito mais simplificada, muito mais condensada. Perfeito?

ZULEICA NYCS – A proposta é de dois dias, com a abertura um dia antes.

CELMA DOS ANJOS – Um dia antes junto com o coquetel.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não tem a liberdade do terceiro dia, visita técnica, aquele tipo de coisa que foi feito. (Intervenção fora do microfone.) Não. Não. Não. A mesma coisa da outra. Só se nós mantivermos a abertura na noite do coquetel. Não vamos mais ter a abertura de manhã, o que nos atrapalhou demais.

ZULEICA NYCS – Imagina se não chegar em tempo. (23:40)

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Mas nós vamos dar um jeito de chegar.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Deixe-me lembrar, Edmilson.

Há uma dificuldade para você chegar em Natal. É bom você não se esquecer disso. Porque Natal não é Goiânia. Para chegar em Natal, você anda pelo mundo todo até chegar em Natal. Então, veja, realmente, o dia do coquetel, o dia da abertura é um dia de viagem para você chegar em Natal. Então aí nós teríamos dois dias de Oficina e o terceiro dia de viagem. Porque se você fizer qualquer atividade no terceiro dia, eu acho que você vai precisar de mais um dia. Só para lembrar a dificuldade que você tem lá.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Vamos então fazer o seguinte, não tem visita técnica. Nós já estamos tendo mesmo alguns problemas lá de receptividade. Então não tem a visita. O terceiro dia é para viajar.

Agora uma coisa eu vou dizer aqui, nós temos de lutar para que, fazer todo esforço para levar todo mundo. Nós conseguimos isso lá no Ministério. Eu garanto isso. Vamos conseguir por todo mundo lá a tempo de ver a abertura com coquetel, ou o que seja, um cafezinho. Mas vamos fazer essa abertura na véspera, porque ela nos atrapalhou demais naquele dia. (24:34 Vozes simultâneas. Inaudível.)

É. Se possível. (Vozes simultâneas. Inaudível.)

Não. Pode deixar, Taís. Isso aí nós levantamos lá no Ministério. (Vozes simultâneas. Inaudível.)

É complicado. Bem lembrado.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Isso saindo de uma Capital que é São Paulo. Imaginem se tiver de sair do resto do País!

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. Foi muito bem lembrado e é muito pertinente. Quanto à data, Zuleica...

JOÃO SAYAD – Só em Brasília!

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Quanto à data que sugeriu, sugira você a data já, a própria Apromac. Vocês estão no controle desse assunto.

TAÍS PITTA COTTA – Já tem uma proposta.

ZULEICA NYCS – Claro.

TAÍS PITTA COTTA – Dia 20 de maio para vocês receberem todas as propostas.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Identifique-se.

TAÍS PITTA COTTA – Taís Cotta, do Ministério do Meio Ambiente. Alguma coisa assim em termos de maio...

ZULEICA NYCS – Questão de ordem.

TAÍS PITTA COTTA – Por favor.

ZULEICA NYCS – Eu entendi que primeiro o Hassan vai fazer uma proposta para vocês. Então vamos...

TAÍS PITTA COTTA – E as contribuições...

ZULEICA NYCS – Daí vocês vão dar contribuições à proposta dele.

TAÍS PITTA COTTA – Não. As contribuições iniciais das propostas que ele pediu que cheguem até uma data assim, 19 de maio, ou 18 de maio, que é um domingo. Aí nessa próxima semana, na semana seguinte ele faz uma proposta e envia para todos. Aí teremos ainda uma semana de 26 maio para contribuições em resposta à sua proposta. E poderemos fazer uma reunião dos palestrantes com o *petit comité* no dia 2 de junho, 3 de junho, alguma coisa assim.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Taís, o evento é em julho, não é em junho, não.

TAÍS PITTA COTTA – Sim, mas precisamos de um tempo para fazer o *folder* que vai ser distribuído.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Pensar nas palestras antecipadamente.

TAÍS PITTA COTTA – Prevendo as palestras com os nomes dos palestrantes.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – O seu patrão vai-te mandar embora. Pode ter certeza, viu!

HASSAN SOHN – Eu concordo com as linhas gerais sugeridas. Eu ia sugerir algo assim. Eu entendo que nós temos de fechar folder, banner tudo com 30 dias de antecedência, senão, não dá para imprimir, não dá para corrigir erros de diagramação. Fica muito em cima.

A grande dificuldade da organização desta vez foi justamente isso. O folder estava passando para nós uma, duas semanas antes do evento. Então foram mandadas correções, várias sugestões de correção que não tiveram tempo de ser implementadas. Por exemplo, a questão da sinopse não era para constar no folder. Constou. Por quê? Porque Por quê? Constou porque o modelo que foi impresso era um modelo provisório, não deu tempo de fechar um modelo final.

Eu concordo com esse cronograma mais apertadinho. Certo?

De amanhã, até o dia 19, por favor me mandem já as impressões iniciais que vocês já quiserem ir mandando. Certo?

TAÍS PITTA COTTA – Dia 18.

HASSAN SOHN – Dia 18, um domingo. Mas até o dia 19, segunda-feira, ao meio dia, está admitido.

No correr dessa semana de 19 até o dia 26, na outra segunda-feira, vamos estar trabalhando isso. E vamos trocando as informações, para que na primeira semana de junho seja possível fixarmos uma data para a reunião. (Intervenções fora do microfone.)

Eu gostaria de deixar para fixar a data no decorrer desse processo, porque eu estou longe da minha agenda aqui.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem de lembrar que precisa ter um local também.

HASSAN SOHN – Exatamente. Precisamos analisar opções de local em Curitiba para isso.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Se é que for, porque de repente dá para você vir aqui. (Intervenção fora do microfone.)

WALTER FRANÇOLIN – A sede aqui em São Paulo está à disposição. Não tem problema. Basta dizer com alguns dias de antecedência. Porque nós temos também temos aqui vários Sindicatos, são 118 Sindicatos, e nem sempre todas as salas estão livres. Mas dá para acomodar. De qualquer maneira nós encontramos um canto que comporte aí 10, 12 pessoas, não tem problema.

Senhor Coordenador, posso-me manifestar?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Pode.

WALTER FRANÇOLIN – Eu ouvi aqui atentamente a proposta de que a abertura do evento aconteça no dia da apresentação, mas, sinceramente, eu tenho um pouco de dúvida se a coisa vai funcionar assim lá. Porque eu não sei se vamos poder dispor do auditório da abertura no dia anterior. Nós solicitamos para 2 dias, ou seja, dia 9 e dia 10. Se nós tivermos de contar com a cessão do auditório também para o dia 8, para efeito de abertura, não sei se será possível. Portanto é uma coisa que não dá para nós decidirmos aqui agora. De repente nós teremos de fazer aquele primeiro coquetel de abertura exatamente para uma aproximação, um encontro, enfim um primeiro contato, para que se quebre aquele gelo de começar uma Oficina no dia seguinte, sem que ninguém se conheça.

E mesmo assim nós tivemos problemas. Porque na primeira noite muitas das autoridades que foram convidadas acabaram não estando presentes. Teve representantes de Estados que chegaram à meia noite, uma hora da manhã. E até de certo modo, o objetivo daquele coquetel perdeu o efeito.

O que nós precisaríamos é definir se realmente o coquetel visa a essa aproximação, então todo mundo tem de chegar no horário, porque se não perde o objetivo.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Edmilson, do Ministério do Meio Ambiente, antes de dar a palavra à Zuleica.

Então vamos voltar a uma proposta que eu fiz em Goiânia...

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Deixe-me manifestar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. Não. Não. Espere aí.

Então eu vou voltar a uma proposta que eu fiz em Goiânia, lá ao pé do ouvido de todo mundo.

Dada essa dificuldade de Natal, vamos arrebentar o nosso dia com essas autoridades que têm de estar e tarará e abrir lá no primeiro dia, mas poderíamos fazer o coquetel então do primeiro para o segundo dia, na noite do primeiro para o segundo dia. E elimina a história do coquetel no dia anterior. Porque se ele é para confraternização, melhor ainda que está todo mundo ali.

Não sei se vocês entenderam. Nós teríamos os dois dias e tal.

Agora eu vou ser sincero. Vou até desligar a transcrição. (Nota da Taquigrafia: é interrompido o apanhamento.)

TAÍS PITTA COTTA – Acho que podemos dar uma olhada nos vôos chegados lá no Aeroporto de Natal e ver mais ou menos os horários em que os vôos vão chegar. Eu acho que ninguém vai chegar no dia do Seminário, dia 10, não, no dia 9, pela manhã.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Não consegue.

TAÍS PITTA COTTA – Eu tenho a impressão que não. Não consegue.

Então nós temos de dar uma olhada para ver se os vôos que vão chegar no dia 8, sei lá, até 7, 8 horas da noite, se vai ser possível fazer a abertura no dia nove.

E aí nós podemos ver algum local que não só na Federação. Sei lá, num salão de um hotel, alguma coisa assim.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Taís, deixe-me só colocar que exatamente os mesmos argumentos que você colocou, estou vendo que pela dificuldade do local, mas as outras dificuldades você vai ter mais ainda no dia seguinte.

Ou seja, se em Goiânia nós começamos atrasados por problemas de abertura, a tendência é que, se você deixar a abertura para o dia seguinte, em Natal, vai atrasar muito mais.

Porque nós já fomos para Natal, para um evento, e é o dia todo para viajar.

Você vai sair de São Paulo por volta de 10 horas, e se bobear, se parar, vai chegar lá no fim do dia.

Então é como estou falando, é saída de São Paulo, via Guarulhos, que teoricamente tem vôo toda hora. Teoricamente. Se você sair de mais distante, mais complicado para chegar.

Então se passarmos para o dia seguinte, eu não analisei a sua proposta, no meio do primeiro para o segundo dia, aí precisa dar uma olhada.

Agora, se passar para o primeiro dia, é complicado.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes de passar a palavra para o Hassan e para a Zuleica, mesmo que o pessoal tem o segundo dia com ressaca, costuma ser mais viável a confraternização.

Agora, na abertura, volto a dizer, o pessoal da sistematização pense bem na sistematização, porque abertura no primeiro dia é aquilo que tivemos em Goiânia. (34:10 Nota da Taquigrafia: é determinada a interrupção do apanhamento.)

Zuleica.

ZULEICA NYCZ – Estou tentando fechar aqui a minha agenda de trabalho. Então, no dia 19 de maio até o meio-dia com as sugestões para os conteúdos das palestras. É só para encaminhar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Dia 19 de maio até o meio-dia.

ZULEICA NYCZ – Hoje é dia 13 de maio.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – O “bicho” pegou!
Continue, Sra. Zuleica Nycz.

ZULEICA NYCZ – No máximo, dia 26 de maio, o Sr. Hassan estará retornando essa sistematização de quem mandou ou ele vai criar uma estrutura para quem não enviou essas sugestões ou aperfeiçoar o que já foi feito ou deixar como está, enfim vai fazer uma proposta.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Com a sugestão da data do local do encontro do treinamento, ou seja, não se pode esquecer a sugestão da data do encontro que vamos ter.

TAÍS PITTA COTTA – Já colocaram nesse *e-mail* do Sr. Hassan, o *e-mail* dos prováveis palestrantes que vai servir para eles tomarem conhecimento.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Quanto a isso, tudo bem. Entendi.

ZULEICA NYCZ – Continuando, vou fazer juntamente com o Hassan – e quero o apoio de quem entende do assunto, ou de alguém que queira fazer no meu lugar – a proposta de uma ficha de avaliação bem legal no sentido de que possamos realmente obter dados.

Mais um pouco: a questão das perguntas. Gostaria de ter tido nessa reunião, já com antecedência, a relação das perguntas que foram feitas para ter uma noção das dúvidas. Temos aqui? Porque, dessa forma, já as levaríamos para casa como parte do nosso trabalho de...

CARMEN NIQUEL – Trouxe, sim, e a idéia é se apresentar num segundo momento.

ZULEICA NYCZ – Mas queria receber agora. Não recebi por *e-mail*.

CARMEN NIQUEL – (Vozes simultâneas. Inaudível.)

ZULEICA NYCZ – Você tem *e-mail* digital para nós?

CARMEN NIQUEL – Vou mandar por *e-mail*.

ZULEICA NYCZ – Então, envie a nós, porque faria parte de termos uma noção do que foi que...

CARMEN NIQUEL – As anteriores, com a avaliação e as perguntas.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Por que não se fala nos microfones?

ZULEICA NYCZ – Vou terminar de falar, depois ela poderá falar.

Precisamos urgentemente dessas perguntas para saber o que é que foi que eles levantaram e não que isso esgote as dúvidas deles, porque muita gente não perguntou o que não sabia. É por isso que vamos elaborar a nossa ficha independentemente dessas perguntas, mas elas são úteis como ferramentas de trabalho.

Vocês concordam que eu e o Sr. Hassan façamos uma proposta de ficha de avaliação? É para circular para todos. Será uma minuta.

CELMA DOS ANJOS – Poderia encaminhar também uma proposta nossa para ser agregada a sua?

ZULEICA NYCZ – É claro! O mais rápido possível!

CELMA DOS ANJOS – Amanhã!

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – E você, Sra. Carmem Niquel?

CARMEN NIQUEL – Coordenador Edmilson, estamos aguardando o momento nessa reunião em que se está falando da preparação. Já havia sugerido, no início, que esses questionamentos estão digitados, estão em *e-mail* eletrônico para podermos dar uma passada. Daí vai ser uma decisão aqui do Grupo: se vamos fazer isso, dar uma passada e ver para quem fica ou se isso vai passar diretamente para a Sra. Zuleica Nycz que poderá fazer o encaminhamento em cima dessas questões, enfim quem deverá encaixar esses questionamentos nas suas palestras.

ZULEICA NYCZ – Vai ser para todo mundo.

CARMEN NIQUEL – Está certo.

ZULEICA NYCZ – Porque cada um vai fazer a sua adaptação a partir do que receber.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Pronto, ela respondeu. A Sra. Zuleica respondeu a sugestão que queríamos. Envie a todo mundo. Todos farão as suas considerações e vamos reportaremos à sistematização de cada um deles.

CARMEN NIQUEL – Cada um coloque seu nome ao lado.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não que queira evitar você de se apresentar, não, mas é porque a reunião está tomando outro rumo, segundo aquela conversa que vocês tiveram lá sobre o *petit comité* feminino lá no almoço. Dessa forma, vamos entrar numa seara que vai fazer esta reunião demorar e tomar o tempo que seria dessa apresentação.

ZULEICA NYCZ – Vou terminar de falar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Por favor, termine.

ZULEICA NYCZ – O que entendo dessas perguntas é que elas são uma ferramenta importante, mas elas não esgotam o nosso problema. Então, circule e quem se identificar com uma ou com outra pergunta, e achar que poderia fazer isso no seu tema que já estava estabelecido, que acha que se encaixa melhor no seu tema vai se sentir contemplado exatamente com essa pergunta. Talvez muitas não sirvam para nada e outras já estejam contempladas nas palestras. Portanto, é apenas uma ferramenta importante.

Acho que se fizermos uma boa ficha de avaliação agora mais bem pensada, porque não deu tempo do Grupo fazê-la, mesmo o Grupo não fazendo nada e a Sra. Celma teve que fazê-la praticamente sozinha, talvez consigamos aperfeiçoar essa ficha até conseguirmos mais dados que precisamos para irmos aprimorando as Oficinas.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes de conduzir a transposição para outro ponto, gostaria de fazer um comentário sobre o pedido do Dr. Clarismino Junior, Presidente da Anamma e do seu Chefe de Gabinete, Sr. Vaner.

Atenção a todos, porque é um pedido muito importante!

O Presidente da Anamma e seu Chefe de Gabinete me fizeram um pedido na 3ª Conferência Nacional do Meio Ambiente realizada na semana passada, em Brasília, no sentido de que desejam controlar e fazer os *banners* e os *folders* de todas as oficinas, desde que isso não entrasse em ruzgas com os anfitriões.

Como já estamos vendo que o nosso anfitrião, a Abema e Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, estão com receptividade e já estamos adiantados com esse tipo de trabalho acho o pedido pertinente, mas submeto isso à aprovação deste nosso Grupo.

É claro que nunca iremos nos esquecer que vamos chegar à casa das pessoas e falar: “Está aqui o ‘pacote’ e veja se você dá um jeito para ‘engolir!’” Porém, tinha que registrar aqui o pedido do Dr. Clarismino Junior e da Chefia de Gabinete da Anamma.

O que os senhores têm a dizer?

NILTON TORRES DE BASTOS – Posso me manifestar?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Pode e deve!

NILTON TORRES DE BASTOS – Volto a utilizar a palavra “liturgia”.

É evidente que ficamos muito satisfeitos com a proposta, mas existe uma “liturgia” a ser seguida. Se isso atender a “liturgia” a ser seguida – e que todo mundo sabe qual é -, enfim existe uma hierarquia. Temos a Abema, temos a Anamma, temos o Ministério, enfim quem manda e quem não manda? Temos que segui-la.

Não sei se isso vai desagradar o Presidente da Abema. Então, acho que a sugestão terá que ser levada, proposta. Acho que vamos precisar ter o cuidado de dar os destaques para as partes que lhe são de direito. Tudo isso feito dentro de uma “liturgia”, quer dizer, não vejo o Dr. Clarismino fazendo uma proposta para ultrapassar ninguém.

No meu modo de ver, pelo que falou, ele fez uma proposta para nos ajudar. Então, é dentro desse clima da Anamma participando lá, a Abema também terá que estar, o MMA como entidade que dá substância à coisa, porque é o órgão maior do Meio Ambiente do País, e assim vai.

Quer dizer, isso tem uma hierarquia que deve ser seguida, no meu modo de ver, quer queiramos ou não.

Não temos o “esse arbítrio”, mas temos que seguir uma coisa dada. Essa “liturgia” terá que ser seguida e esse é o meu modo de ver.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – É meu modo de ver também. Até sinto muito o valor que isso vai nos dar quanto à praticidade, pois já pensaram em cada Oficina termos que mudar o *folder*, mudar o *banner*, a cor disso ou a cor daquilo, enfim imaginem a negociação dessa Oficina!

É aquilo que disse: devemos ter um respeito danado com a Casa que vai nos receber.

Estou registrando isso aqui, porque acho bom que as transcrições registrem que foi mencionado e que existe um pedido feito.

Também vou mencionar, antes de transpor para o próximo item, uma colocação que o Sr. Hassan fez nos “bastidores” dos nossos *coffee breaks*, em Goiânia. Achei muito legal e também me solidarizo com ela. Teremos que conversar, e o dia não é o de hoje. Este não é o momento, mas o Sr. Hassan teve a idéia de que deveríamos filmar as oficinas para, num futuro mais breve, irmos produzir, quem sabe, um DVD-aula ou coisa parecida.

Apenas gostaria de ter registrado isso.

Vou passar para o próximo ponto e vou dizer a todos o porquê da pressa – e não pressa dos aviões, não. É porque vai acontecer aqui, assim como a visita inesperada de hoje pela manhã, uma surpresa no calendário. Antes de passar para a surpresa e amenizar a expectativa, o Dr. Ruy Ricci solicitou a palavra *in off*, ou seja, sem a transcrição. (Nota da Taquigrafia: é suspenso o apanhamento taquigráfico.)

Voltando à pauta, não vou ler o calendário, porque a Dra. Taís tem uma proposta a ser defendida.

Apenas estou lembrando a todos da 1ª Oficina realizada, agora estamos realizando a 11ª Reunião Ordinária, a 2ª Oficina que está confirmada para Natal. Há um indicativo da 12ª Reunião Ordinária para o mês de agosto. A 3ª Oficina tem essa data de setembro que estamos vendo; a 4ª Oficina para essa data no mês de novembro. Tudo estava a confirmar, mas relembro que, na 10ª Reunião Ordinária, lá em Brasília, já tínhamos indicado esses dias. Veríamos da viabilidade deles ou não. Relembro, não é “invenção” de ninguém. Inclusive, aqui está a data para a 13ª Reunião Ordinária.

Antes, porém, a Dra. Taís tem uma proposta de alteração que vai ser defendida por ela e, depois, vou falar porque sou contra a proposta dela.

Tem a palavra a Dra. Taís Pitta Cotta.

TAÍS PITTA COTTA – Temos uma gerência muito participativa, extremamente legítima, democrática, onde todos falam e simplesmente a avaliação funcional dele vai ser zero! (Risos.)

A motivação da proposta de alteração foi a Sra. Tatiana Petricorena, foram os dados que a Sra. Tatiana Petricorena apresentou lá quando da 1ª Oficina. Fiquei “comovida” com aqueles dados da Região Norte, me sentindo motivada para tentar alguma coisa, de modo a que conseguíssemos discutir o assunto da Região Norte de uma maneira mais intensa, enfim fazer alguma coisa para motivar o recolhimento e a coleta. Não sei como é que vai ser quanto ao Rerrefino, porque acho que não existe nenhuma lá no Norte, mas enfim gerar a demanda. Pode até ser que alguma empresa queira se instalar lá se obtivermos sucesso.

Não tenho qualquer proposta quanto às Reuniões Ordinárias. Portanto, elas se manterão.

Minha idéia é fazer mais um quinto evento em Manaus e não necessariamente com a estrutura dessas Oficinas. Talvez um evento mais aberto, pegando o público mais diferenciado, público normal sem se focar na fiscalização.

Então, fazer um Seminário e, mais ou menos, escolheríamos as palestras das Oficinas para tentarmos ver o que chamamos de Sindicatos de Taxistas, Cooperativas, de Postos de Gasolina, de Revendas para que o assunto chegue até o povo geral no sentido de que eles possam perceber, em primeiro lugar, que o Óleo Lubrificante Usado é um resíduo perigoso; da necessidade ambiental e de saúde no sentido de não se jogar isso ao Meio Ambiente. Em terceiro lugar, a viabilidade econômica desse resíduo.

A idéia seria antecipar um pouco a 3ª Oficina, que está marcada para os dias 23, 24 e 25 de setembro, porque também não adianta fazermos qualquer evento no mês de dezembro. Já vamos ter a nossa Reunião Ordinária e não vai haver público para qualquer evento em dezembro.

Ao se antecipar um pouco a 3ª Oficina, vamos ter que antecipar também um pouco a 4ª Oficina e fazer um Seminário – e estou chamando de Seminário – na última semana de novembro em Manaus.

Para isso, já encaminhei uma solicitação de fundos extras dentro da minha Diretoria. Com isso tive já uma reunião com outros Diretores, com outro Diretor que está me apoiando, porque é lógico, se eu vou ter um pouco mais de recursos, alguma outra Diretoria vai ter de ceder esses recursos. Então nós já estamos encaminhando isso para viabilizar esse Seminário, para levarmos realmente essas pessoas para lá. E, é lógico, contando com a participação da Federação lá também, para montarmos uma estrutura lá.

Então é a proposta e eu agora coloco em discussão.

CELMA DOS ANJOS – Celma, da Anamma.

Edmilson, eu acho que você vai-me botar, porque eu defendo essa idéia da Taís com relação a essa 5ª Oficina lá em Manaus, porque eu creio que realmente vai ser, porque alguns dos questionamentos que têm chegado lá para nós é exatamente dessa região, com relação a quem cabe o que, entendeu?

TAÍS PITTA COTTA – João Bosco.

JOÃO BOSCO – Eu defendo também, acho que é importante, porque confesso que até agora não estou muito convencido desse problema todo na Região Norte, não. Juro por Deus, ainda não estou assim 100% convencido, não. Gostaria de ouvir.

A idéia da Taís é muito boa, principalmente porque ela vai trabalhar com o pessoal gerador, não é? Então talvez eles tragam informações assim, porque aí é como ela falou, ela vai tirar um pouco o foco da fiscalização e trabalhar com o pessoal gerador.

Eu gostaria de ouvir, realmente gostaria de ver esse problema na Região Norte.

TAÍS PITTA COTTA – Hassan, por favor.

HASSAN SOHN – Eu tenho uma proposta diferente. Eu sou contrário a essa proposta que a Taís colocou de alterar as datas, de alterar a nossa programação.

Quero trazer um primeiro dado para vocês. Nos corredores lá em Goiânia, para o ano que vem, nós já temos dois candidatos para sediar o nosso evento naquela região: Manaus e Campo Grande.

O pessoal do Ibama lá do Amazonas já se prontificou a fazer o evento lá. Então é um dado que nós devemos considerar.

Eu queria trazer a vocês a memória, se é que todos já não têm isso em memória, que a Região Norte é a mais desconhecida para nós. Nós não sabemos o que efetivamente acontece lá. Mas o que nós sabemos que o problema na Região Norte é o desvio, pois nós não conhecemos a natureza do desvio lá.

Eu posso dizer que eu conheço a natureza do desvio na Região Sul. Conheço a natureza do desvio na Região Sudeste. Tenho uma informação melhor de como é o desvio na Região Nordeste e assim por diante.

No Norte ainda a situação é um tanto quanto desconhecida. E aqui eu trago o que o João falou. Nós precisamos descobrir o que está acontecendo lá.

Então a minha proposta de consenso é a seguinte. Nós não vamos fazer um Seminário. Nós não vamos fazer uma Oficina ainda em Manaus. Nós podemos fazer uma reunião do GMP lá em Manaus. Certo? E convidamos os agentes locais a virem explicar para nós, do GMP, qual é a situação disso lá na região, como é que eles vêem isso lá na Região Norte, que é algo que eu gostaria de ter pinçado em Goiânia. Mas devido ao acontecido não foi possível perguntar para os órgãos lá qual é a visão, como é que eles trabalham isso, qual é o problema, porque ao que consta tudo lá é diferente.

TAÍS PITTA COTTA – Lá em Goiânia estavam os órgãos de Meio Ambiente.

HASSAN SOHN – Lá em Goiânia estavam os órgãos de Meio Ambiente.

TAÍS PITTA COTTA – Eu estou falando antes desse estágio de órgãos de Meio Ambiente. Estou falando da população.

JOÃO BOSCO – Gerador.

TAÍS PITTA COTTA – Gerador. Não população assim, mas um estágio antes.

HASSAN SOHN – Então, eu acredito que a minha proposta contempla melhor o que você está dizendo.

O que eu quero é o seguinte. Nós podemos ir a Manaus. Nós vamos convidar pessoas não para que nós coloquemos as nossas idéias. Não para que apresentemos algo para eles. Nós vamos lá buscar informações. Nós vamos lá ouvir.

Então nós podemos convidar o Presidente do Sindicato dos Postos de Gasolina do Estado do Amazonas, ou o que tiver similar a isso, para fazer um diagnóstico do que está acontecendo na Região Norte.

Nós queremos saber por que o óleo não vem para o coletor. Por que ele não está disponível para a coleta lá. O que é feito com esse óleo? Onde que ele vai parar?

Então a minha proposta é, podemos fazer este ano ainda uma reunião lá, mas para prospectar dados. E deixamos para o ano que vem, com base nesses dados, fazer uma Oficina regional no Norte. Pode ser em Manaus de novo, já que abriram a porta tão gentilmente para nós. Mas aí já trabalhando com esses dados.

Se chegar lá hoje, ou que seja no final do ano, eu vou apresentar uma realidade que não se aplica. Eu vou falar de algo que é relacionado ao Sul, ao Sudeste, ao Nordeste, mas que não é necessariamente verdadeiro lá. Eles vão ficar olhando para mim e dizer: "Bom! Mas assim não funciona aqui."

Então a minha proposta de consenso é essa. Fazemos uma reunião lá para ouvir. E depois, no ano que em, fazemos uma Oficina lá.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tatiana, ANP.

TATIANA PETRICORENA – Acho que a Taís estava antes.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não, me deram uma lista aqui em que você estava antes. Estou seguindo a lista.

TATIANA PETRICORENA – Tatiana, ANP.

Eu apoio essa idéia da Taís, que nós não combinamos.

Eu acho que a proposta dela é uma proposta diferente, não tem nada a ver com as Oficinas. Ela está querendo conscientizar no local em que parece que todos nós aqui, – acho que o João tem dúvidas, mas acho que é em relação a outro ponto, não é, João? – que existe um grande desvio na região. Ela está querendo fazer um trabalho de conscientização dos geradores de óleo lubrificante usado, que é uma coisa completamente diferente do que nós temos proposto nas Oficinas. Eu acho que uma coisa, Hassan, não invalida a outra. E concordo com você, tem de fazer um diagnóstico e tudo. Mas aí é para trabalhar com o pessoal de licenciamento.

Porque ela está querendo saber o seguinte. Espera aí. Nós temos um problema de desvio que é real e que nós sabemos. Tem uma coleta baixa, os coletores sabem disso, eles não conseguem coletar na região. Então, quer dizer, ela está querendo conscientizar o pessoal que gera, é posto, é taxista, é usuário. Eu não sei, mas nós temos de ver quais são os canais. É isso que ela está querendo fazer.

Eu acho que se o próprio Ministério está querendo ter essa iniciativa, não sei porque nós não toparíamos isso. Não vejo nenhum motivo para não abraçarmos essa idéia. Entendeu? Porque isso aí não invalida a Oficina que seria feita em Manaus. E se ficasse muito próximo, que nós invertêssemos, que nós fizéssemos em 2009, em junho. Mas acho que são coisas que correm em paralelo. É outro trabalho e que eu acho importantíssimo.

Quando editamos as Portarias da ANP, em 1999, nós tínhamos um artigo que eu não sei nem se ainda existe na 125, já não me lembro mais, que nos primeiros três anos em que tivesse sido publicado os editais em 1999, não sei se o senhor se lembra disso, haveria uma divulgação daquelas Portarias por parte do setor produtivo. Por quê? Para que a população tomasse consciência disso.

Infelizmente, não conseguimos atingir os canais que nós gostaríamos.

Então eu acho que esse é um trabalho que corre em paralelo e que é muito importante ser feito. Para que não se foque só no licenciamento, mas nisso também.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Ruth.

RUTH TABACZENSKI – Ruth, Conama.

O principal motivo pelo qual reduzimos o número de reuniões, juntou duas Regiões, Centro-Oeste e Norte, foi questão de recursos. Não havia recursos na época. Chegando a Taís, essa questão está sanada.

Então o que nós observamos na Oficina em Goiânia é que vários Estados da Região Norte não puderam participar. Não sei os motivos porque eu não acompanhei.

Mas isso torna mais interessante esse trabalho, porque quem sabe se esse pessoal não está suficientemente conscientizado da necessidade dessa participação, dessa problemática toda! De repente um trabalho de conscientização ajudaria muito. Porque se não participaram, algum motivo tem. Quem não prioriza alguma coisa é porque não está acreditando naquilo. Então eu acredito que tem a sua validade principalmente nessa questão de conscientização.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Mais alguém quer se inscrever. Porque aí serei eu. (Pausa.) Nilton Bastos.

NILTON TORRES DE BASTOS – Eu queria ser depois de você.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Ah! É? Então está bom. Então vai ser depois. Eu falei que vou ser contra a proposta, então eu vou ser o último a falar.

Hassan, deixe-me fazer...

HASSAN SOHN – Só terminar de esclarecer, porque eu também me coloquei contra a proposta, mas eu fiz uma contraproposta.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Você fez uma contraproposta.

HASSAN SOHN – Eu acho que não exclui para a reunião que nós vamos fazer lá fazer uma prévia divulgação (79:56), uma breve explanação sobre isso.

Mas acho que mais importante para este grupo, neste momento, do que divulgar para o público em geral essa Resolução naquela região é descobrir quais são os desafios a ser vencidos naquela região.

ZULEICA NYCS – O diagnóstico.

HASSAN SOHN – E fazer o diagnóstico. Por isso eu vou repetir. Acho que devemos convidar o Sindicato dos Postos, Transportadores, os geradores em geral, não em nível popular, mas em nível institucional, as grandes instituições agregadoras, para que façamos um bate-papo e capturemos as informações. Nós precisamos saber por que não, qual é a dificuldade enfrentada lá. Certo?

É óbvio que fazendo um evento dessa natureza, uma reunião dessa natureza, uma mesa-redonda lá, todos esses que vão ser convidados vão chamar a atenção para a Resolução, vão querer se inteirar. É evidente que um efeito colateral vai ser uma divulgação dessa Resolução.

E se porventura o desconhecimento da Resolução for um motivo, nós vamos descobrir na hora. Alguém vai dizer: "Olha, achei muito interessante. Nem tinha atentado para quê existia a Resolução." E nós vamos incluir no nosso diagnóstico.

Por isso faço esta terceira proposta, porque eu não ouvi a segunda ainda, na verdade, mas faço esta proposta que façamos uma mesa-redonda, uma reunião especial lá. Convide os geradores. Se for possível compatibilizar, podemos convidar também a fiscalização. Não sei. Mas acho...

JOÃO BOSCO – Você pode assustar um pouco.

HASSAN SOHN – Pode assustar. É algo que imediatamente me ocorreu. Se é importante identificarmos qual é o problema dos geradores, convidamos precipuamente ele, mas para obter informações primeiro.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – A palavra é minha, mas, Taís.

TAÍS PITTA COTTA – Eu não. Só para responder a ele.

NILTON TORRES DE BASTOS – Eu fui jocoso.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Jocoso!

Nilton Bastos.

NILTON TORRES DE BASTOS – É um exercício de prepotência.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não. O mais prepotente aqui sou eu. Pode ficar tranqüilo.

NILTON TORRES DE BASTOS – Nilton Bastos, Sindirrefino.

O que eu queria dizer é que nunca antes neste país, como você disse, nós estamos macetando em cima do Norte há muito tempo, exigindo fazer acontecer, sem resultados. Os resultados são extremamente...

WALTER FRANÇOLIN – Sofríveis.

NILTON TORRES DE BASTOS – ...sofríveis e irritantes (82:39). Todos nós sabemos onde está o problema do desvio, uma série de problemas que acontece, em que o Ministério tem tentado fazer uma série de providências, consegue umas, outras não, e assim vai.

Existe um problema naquela região que precisa ser tratado no geral. Acho extremamente importante esse contato no local. Acho extremamente oportuno. Evidentemente não é uma Oficina. O formato, o Hassan está falando isso, outro aquilo. Vamos achar um formato. Mas o formato, a Taís colocou muito bem, é prospectivo. Quer dizer, é saber. É de fazer efetivamente um diagnóstico que seja amparado por entidades locais, pelas empresas, pelo Sindicom, que tem feito esforços para coletar lá e não consegue. Pelo Promotor Público, que vive brigando lá mas também não consegue.

Quer dizer, existe uma coisa. E aí? Todo mundo falou, mas de concreto não acontece nada. O que nós temos de fazer?

Então eu acho extremamente importante, e acho até que antecipar é melhor, porque a emergência é tão grande, e que vem de há muito, que acho a proposta fantástica. Acho que temos de apoiar. Temos de modificar, sim, datas se for necessário, porque é como chamar o resgate. Nós temos de resgatar isso porque essa faceta do Norte está maculando um pouco o nosso currículo. Nós temos de chegar lá.

Mas parabeno a Taís pela idéia e fico muito satisfeito de que esse seja o foco. E vamos enviar esforços para conseguir chegar lá e fazer, dar o suporte que nós pudermos dar, e a nossa entidade o que for necessário nós faremos.

TAÍS PITTA COTTA – Obrigada.

Senhor Hassan, acredito que se vamos fazer um esforço para a mudança, se vamos fazer uma mobilização para uma reunião prospectiva no sentido de tentar identificar um pouco mais ou, pelo menos, formalizar aquilo que, mais ou menos, sabemos também poderemos motivar um pouco mais essa reunião com apresentações – e não com as nossas apresentações, mas com apresentações direcionadas. Olhem: “O que está acontecendo no País é isso, com esses números”. Também poderemos fazer apresentações mais didáticas com respeito aos óleos, os comércios, os cuidados, enfim tudo isso.

Acho que a sua terceira proposta é o que estou pensando: não fazer uma Oficina, não replicar isso, mas adequar as palestras para esse objetivo que queremos atingir.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Antes de defender a primeira proposta, quero lembrar bem a todos que a proposta da Dra. Taís é a segunda e a do Sr. Hassan é a terceira proposta.

Ao pessoal que viaja com as diárias do Ministério, desta vez, vacilei, não trouxe os relatórios a tempo, mas quem quiser remeter dos seus Estados ou quem quiser me entregar é só não esquecer que o *ticket* de ida terá que voltar.

Gostaria de perguntar se o problema com Vanessa já foi resolvido. (Pausa.) Está tudo Ok.

O Ministério, como um todo, e também a nossa Secretaria estão tendo um problema que promove muita capacitação, ou seja, nesse tipo de evento em que as pessoas não devolvem os *tickets* de passagem. Depois, quando são chamadas para outros eventos ficam “danadas”, porque não sai a diária, não sai a passagem, não vão para o evento e acham que é uma “implicância” do Ministério. Para os senhores, não, porque estão

acostumados com isso, mas só estou recordando que, desta vez, falhei em não trazer o envelope para que os senhores os remetessem.

Quero dizer aqui que não se trata de ser contra ou não desejar que divulguemos mais e que lutemos para que esse tema vá para a “boca do povo”.

Minha posição é a seguinte: em primeiro lugar, quando “bolamos” as quatro Oficinas deste ano, sabíamos – e é só nos reportarmos às transcrições dos dias quatro de setembro de 2007 e quatro de dezembro de 2007 em que a Região Norte tratava de um “universo desconhecido”. Ficamos com medo.

Em segundo, estamos com medo e, na época, não tínhamos orçamento no Ministério para realizar e nem sequer sabíamos se iríamos realizar as outras.

O que tivemos foi um comprometimento do Dr. Zamboni que colocou o seguinte: “Eu farei todo o possível para garantir, no mínimo, as quatro!”

Em terceiro, defendendo a tal primeira proposta quando vou dar, como Coordenador do GMP, novamente a palavra para as propostas que quiserem falar, antes de votarmos, e vou colocar um fim na votação como das outras vezes.

A terceira “coisa” está comigo. Alguns já se acostumaram, outros estão olhando com o “rabo do olho”, mas pragmatismo. Definimos um calendário. Viemos trabalhando para ele. Chamo a mim uma “obsessividade” à qual “morro de medo” de coisas às quais vou fazer na vida e que modificam o meu foco. Essa é uma coisa pessoal e aqui não sou “pessoa”. Aqui sou Grupo, sou MMA por uma questão de “sorte” ou “azar”. Poderia ser MME, Apromac ou coisas desse tipo.

Em quarto lugar, há uma coisa que falei hoje pela manhã e vou voltar a falar: precisamos compreender que os nossos palestrantes são voluntários e ficar mudando a agenda das pessoas sem mais, nem menos – e não digo que precise ser sem mais, nem menos para atingir a proposta contrária – mas me sinto desrespeitoso, dentro de um calendário, de ficar mudando, porque o pessoal já está se preparando para uma “coisa” e vamos aumentar mais outra; vamos trazer horário de mais outra, ou seja, vamos remanejar.

Quero dizer a você, Sra. Taís, que o que disse lá na sua sala – e “sou seu funcionário” – é verdade: a idéia é fantástica seja seminário, seja oficina ou aquilo que o Sr. Hassan fala, mas aqui defendendo não se mudar nada diante daquilo que acertamos.

Vou propor mais uma defesa de ambas as partes das três propostas. Vou chamar a minha proposta de um, que é a base da conversa; a da Sra. Taís, de dois e a do Sr. Hassan, de três.

Entendo que a do Sr. Hassan é uma adaptabilidade da sua, só que o que ele deseja, a princípio, não vejo “batendo” muito bem com o seu desejo.

Quero deixar claro a todos os senhores que não existe nada de pessoal entre a Sra. Taís e eu, Edmilson Costa, mas temos algumas colocações lá no Ministério do Meio Ambiente às quais nos orgulhamos muito. Realmente lá “o pau quebra”! Lá, no Ministério, a unanimidade não é a busca total, mas só depois que o embate existe.

Tem a palavra a Dra. Taís Pitta Cotta, que vai falar sobre a segunda proposta.

TAÍS PITTA COTTA – Obrigada, Sr. Edmilson.

Realmente quando falei da minha idéia ao Sr. Edmilson a primeira palavra dele foi: “Não!” Foi, mais ou menos, assim.

Acho que todos já entenderam qual é a minha proposta. Realmente, é tentarmos mobilizar os geradores quanto à importância, falar da Resolução, falar dos perigos desses resíduos, da viabilidade econômica, dos problemas causados ao Meio Ambiente e, para isso, então, seria feita uma alteração no calendário.

Antecipadamente, desculpo-me com a mudança da agenda que vou provocar se a proposta realmente for aceita por todos.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra o Sr. Hassan Sohn.

HASSAN SOHN – A minha proposta: em primeiro, não se desprezar essa disponibilidade de verba e essa disponibilidade do MMA suportar mais esse evento, mas não alterarmos o calendário original das Oficinas que já fixamos, podendo utilizar essa possibilidade para uma finalidade mais prospectiva. Poderemos marcar uma Reunião Extraordinária do GMP, em Manaus, e convidar pessoas chaves que representem os geradores para captarmos informações às quais poderemos trabalhar na região em novas Oficinas no ano que vem.

Não gostaria de fechar datas aqui sem poder olhar para os calendários e agendas, mas poderia ser encaixada no mês de outubro essa Reunião Extraordinária – e ainda sem se fechar datas.

Seria mais com o intuito de captar informações do que propriamente fazer uma atividade de exploração lá.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Acho que a quarta proposta apareceu. Estava defendendo, mas agora já está virando Reunião Extraordinária.

Na verdade, temos quatro propostas.

Vamos chamá-las assim: a primeira, comigo, do Coordenador...

TAÍS PITTA COTTA – Vamos propor, em primeiro lugar, se vai haver ou não a alteração dos calendários.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tudo bem, vou fazer o seguinte: a primeira proposta é manter o que tínhamos acertado e, a partir daí, vamos entrar na briga para pensarmos se as datas estão corretas, até porque temos as datas para negociar junto aos Estados. Vamos até antecipar as conversas com o Sul. Então, já precisamos começar a entrar em contato.

A segunda proposta é a da Sra. Taís, conforme a proposta dela. Depois poderemos discutir se está bem com a...

Tem a palavra o Dr. Nilton Bastos.

NILTON TORRES DE BASTOS – Acho importante se definir antes, ao se colocar três, quatro ou cinco propostas: se queremos ou se não queremos esse alinhamento que a Sra. Taís está colocando ou o seu alinhamento. Acho que essa é a primeira votação, pelo meu modo de ver, porque daí já descartamos uma ou outra. Assim não se perde tempo.

Na segunda, o “colorido” que terá essa segunda hipótese, com uma ou duas sugestões, poderemos discutir só com o foco de que haverá, fazendo-se um esforço de viabilização.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – A proposta de encaminhamento está, por enquanto, aceita.

Tem a palavra a Sra. Zuleica Nycz.

ZULEICA NYCZ – Estou aqui com o problema da agenda do Conama,, que a Sra. Ruth também não trouxe.

Então, como é que agora poderemos optar por uma nova data sem se ter a informação que precisamos?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Até lhe agradeço a lembrança. O meu outro ponto, o quinto ponto da minha defesa é que tínhamos feito o calendário no ano passado, olhando as prováveis datas de reunião do Conama.

Tem a palavra a Sra. Ruth Tabacznski.

RUTH TABACZENSKI – Esse calendário foi fixado em função do Calendário Conama que trouxe na outra reunião.

Alguém está propondo a data para outubro. Em outubro, não vamos ter reunião no Conama.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Mas tem no final de novembro?

RUTH TABACZENSKI – Tem, mas não nessas datas. Acho que será em 21... mas o que proponho? Se os senhores me derem licença, descerei lá no oitavo andar para ver rapidamente o calendário.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Isso, é bom fazer isso.

RUTH TABACZENSKI – Com licença, então.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Depois da votação do mérito aqui, porque vou acatar a sugestão do Dr. Nilton Bastos.

Vamos votar o mérito.

Se até ela ir buscar a data e voltar os senhores vão sair do mesmo jeito.

Vamos votar o mérito: se vai ficar ou não, pelo menos. Pelo menos, o mérito, Sra. Zuleica, porque depois poderá ficar e aí vocês acompanharão para quais datas.

Então, proposta número um: a antiga, aquela à qual estamos “tocando o barco”ou, vamos dizer assim, eu.

A proposta número dois que é alterar o calendário. Só isso.

A proposta número três é a do Sr. Hassan: não altera o calendário e cria uma Reunião Extraordinária.

Em votação.

TAÍS PITTA COTTA – Se vai ter mais um quinto evento?

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Não.

CARMEN NIQUEL – A proposta do Sr. Hassan: se vai ter mais um evento ou não.

Já a quarta proposta do Sr. Hassan é se altera ou não se altera e inclui o mês de outubro...

TAÍS PITTA COTTA – Se vamos fazer mais um evento ou não.

CARMEN NIQUEL – Mas isso é sem se alterar as datas anteriores.

Essa é a quarta proposta do Sr. Hassan.

Não altera e se inclui outubro?

TAÍS PITTA COTTA – O que entendi, que é a sugestão do Sr. Nilton Bastos foi: vamos fazer mais um evento ou não?

Decidindo isso, se não vamos fazer mais algum evento, o calendário já está fixado. Se vamos fazer mais algum evento, então vamos discutir um novo calendário.

É por isso que acho que, em primeiro, devemos decidir se vai haver um novo evento ou não.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – A proposta do Sr. Hassan é, dentro do calendário, fazer-se mais um evento.

CARMEN NIQUEL – Outubro não altera nada!

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Portanto, continuam as três propostas!

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Só existe a dúvida de que seja em outubro.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Este pessoal é tão experiente em votação e fica se confundindo! Pensei que fossem “coisas” de Congresso da UNE!

Atenção: mérito!

ZULEICA NYCZ – Só votam os titulares.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Isso.

Mérito.

Você não vota!

TAÍS PITTA COTTA – Você vai votar contra mim? (Risos.)

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra a Sra. Zuleica Nycz.

Como não temos Regimento ainda, vou fazer um pedido: vamos considerar os titulares e os suplentes, enfim todos vão votar.

Tudo bem? (Pausa.) Porque, senão, por exemplo, a Dra. Taís não vai poder votar. Ela nem é da Portaria... Já eu posso votar.

NILTON TORRES DE BASTOS – Vota por entidade.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Só votam os titulares?

TAÍS PITTA COTTA – Voto comum, não vamos mudar as regras, não!

Só votam os titulares.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Votam só os titulares? Mas não existe essa regra, nunca existiu essa regra! Aqui dentro é pessoal.

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Já foi aprovado.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Está bom! Vocês querem complicar a democracia, por favor! Ia colocar tudo mundo para votar, mas tudo bem.

ZULEICA NYCZ – ... que se vote por entidade.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Vejam que votar é um “trem” difícil! Não é só em... (Falam ao mesmo tempo e longe dos microfones.)

Vamos passar ao processo de votação.

A questão do mérito: fica como está ou aceitamos, segundo a modificação do calendário? (Vozes simultâneas. Inaudível.)

Vamos fazer uma coisa? Espera. Espera. Por favor. Vamos seguir aqui. Por favor.

Como eu já deixo claro para vocês, assim como ela, eu estou conduzindo para confundir do mesmo jeito para ganhar isso aí. (Intervenção fora do microfone.)

Então eu vou passar para um terceiro, o Dr. Walter Françolin vai comandar a votação. Pronto.

WALTER FRANÇOLIN – Olha, eu lhe agradeço, Sr. Coordenador. Mas é uma tarefa muito complicada e assaz difícil.

Entretanto, eu não estou vendo como Vossa Senhoria. Eu não estou vendo mudança pura e simples. A proposta que eu acho que contempla os interesses da Dra. Taís, que eu acho meritórios. A necessidade de manutenção do calendário. A proposta última do Hassan. E eu acho que ela é coerente, na medida em que não se modifica nada, atende à proposta da Dra. Taís, incluindo uma reunião extraordinária em Manaus.

E em sendo assim, eu já vou antecipar o meu voto.

Em outubro, nós faríamos uma reunião extraordinária em Manaus. E manteríamos todo o calendário como se encontra. Eu acho que consulta os interesses de todos.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Em votação.

Isto posto, vou começar então com a Abema. (Intervenções paralelas, impossibilitando o apanhamento.)

WALTER FRANÇOLIN – Mas veja o seguinte. Não foi decidido que será uma proposta a ser votada? Então vamos verificar qual é a proposta que vai vencer, Sr. Coordenador.

NILTON TORRES DE BASTOS – Eu tenho em mente meio a meio. (Risos.)

WALTER FRANÇOLIN – 1, 2 e 3.

Proposta, para a ANP.

TATIANA PETRICORENA – Como proposta 1? (Intervenções paralelas, impossibilitando o apanhamento.)

WALTER FRANÇOLIN – Proposta 1: mantém o calendário como se encontra sem a extraordinária.

Proposta 2: o mesmo calendário com uma extraordinária.

TATIANA PETRICORENA – Qual é a proposta da Taís exatamente? (Respondem que é 2. A seguir intervenções paralelas, impossibilitando o apanhamento.)

TAÍS PITTA COTTA – Agora não tem proposta da Taís. Agora é mantêm-se o calendário ou vamos ter uma reunião...

WALTER FRANÇOLIN – Gente, para que fique bem esclarecido:

Proposta 1 – Mantém-se o calendário sem nenhuma reunião extraordinária, que é a do Sr. Coordenador.

Proposta 2 – Mantém-se o calendário com uma reunião extraordinária em Manaus, em outubro, em data a ser designada.

Vamos iniciar a votação pela ANP.

TATIANA PETRICORENA – A 2.

WALTER FRANÇOLIN – Abema.

CARMEM L. V. NÍQUEL – 2.

WALTER FRANÇOLIN – Ibama.

JOÃO BOSCO – A 2.

WALTER FRANÇOLIN – Anamma.

CELMA DOS ANJOS – A 2.

WALTER FRANÇOLIN – Senhor Coordenador.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – A 1.

WALTER FRANÇOLIN – Sindilub.

RUY RICCI – A 1.

WALTER FRANÇOLIN – Sindicom.

RICARDO BAPTISTA – A 1.

WALTER FRANÇOLIN – Sindipetro.

GERALDO MAGELA DE ARAÚJO – A 1.

WALTER FRANÇOLIN – Apromac.

ZULEICA NYCS – A 2.

WALTER FRANÇOLIN – Sindirrefino? A 2.

CARMEM L. V. NÍQUEL – 6 x 4.

WALTER FRANÇOLIN – Senhor Coordenador, o senhor foi vencido. (Intervenções paralelas, impossibilitando o apanhamento.)

MME.

UMBERTO MATTEI – A 2.

WALTER FRANÇOLIN – Desculpe-me, Umberto.

CARMEM L. V. NÍQUEL – 7 x 4. (Intervenções paralelas impossibilitando o apanhamento.)

WALTER FRANÇOLIN – Senhor Coordenador, estou-lhe devolvendo a coordenação.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Muito bem. Muito obrigado pela bela condução do processo.

Então fica o calendário, que é o de cima...

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – O preto.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – ...que é o preto, com uma reunião em... Vai ser o quê? Um seminário, uma reunião extraordinária, um congresso,...

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES SANTOS – Reunião extraordinária.

CARMEM L. V. NÍQUEL – Com representantes da sociedade...

TAÍS PITTA COTTA – Se for reunião, eu proponho que mesmo numa reunião que construamos algumas apresentações, simples, simplificadas, alguma coisa motivadora.

HASSAN SOHN – Hassan, Apromac.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Só um minuto, Hassan. Por favor.

Doutor Walter, o senhor conduziu tão bem que eu gostaria que o senhor continuasse coordenando o final da reunião, por favor.

WALTER FRANÇOLIN – Pois não, Sr. Coordenador.

TAÍS PITTA COTTA – Democracia é isso...

WALTER FRANÇOLIN – Com a palavra a Dra. Taís, que tem uma proposta a fazer. Por favor.

TAÍS PITTA COTTA – Obrigada. Taís, MMA.

Mesmo que seja uma reunião extraordinária, que incorporemos algumas apresentações mais simples, uma coisa assim que possamos realmente ter um material mais didático para os participantes dessa reunião. E realmente convidando muita gente para a reunião. Para mim o que parece é que perde um pouquinho o perfil de uma reunião.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Hassan, da Apromac.

HASSAN SOHN – Eu tenho uma proposta de encaminhamento. Certo? Nós temos uma reunião, a 12ª, marcada para agosto. Certo? E de agosto a outubro, 60 dias, há tempo hábil para organizarmos essa extraordinária. A minha proposta é a seguinte. Até a reunião de agosto, para tratar e aprovar esse tema na reunião de agosto, o MMA poderia fazer contato com o público alvo entendido, e nós amadurecemos a idéia do que nós vamos fazer nessa extraordinária.

Veja, a minha proposta não exclui a possibilidade de fazer apresentações. A minha proposta é que se foque mais em colher dados. Mas nós poderemos amadurecer essa idéia, eu acho que devemos amadurecer até agosto, para que consigamos chegar a um consenso, e eu acho que o consenso é próximo. É fácil de se conseguir esse consenso.

Mas então em agosto definiríamos qual seria o formato dessa reunião em outubro. E até agosto já descobriríamos qual seria o nosso público alvo, se haveria uma receptividade. Peço aos representantes dos

Sindicatos que entrem em contato com as suas respectivas bases na região e identifiquem eventuais outros sindicatos que poderiam ser agregados. E então somente faríamos essa definição final em agosto.

WALTER FRANÇOLIN – Em votação. Alguém tem alguma coisa...

TAÍS PITTA COTTA – Eu concordo. Eu concordo. Porque a idéia realmente é fazer uma prospecção. Se tivermos informações da região, via Federação, realmente quais são as pessoas mais interessadas ou mais interessantes para participar desse evento, isso é super importante. Nós também faremos um levantamento do nosso lado. Agora, sem o caráter de órgão ambiental.

CARMEM L. V. NÍQUEL – Então mantém Roraima e Acre em Natal.

TAÍS PITTA COTTA – Mantém. Mantém.

JOÃO BOSCO – Posso, Walter?

WALTER FRANÇOLIN – João Bosco.

JOÃO BOSCO – João Bosco, Ibama.

Sem o caráter de órgão? Quer dizer, o órgão não participa? Como é que seria? Não entraria o órgão? Sem um caráter fiscalizatório, eu diria.

TAÍS PITTA COTTA – Não. O órgão pode até participar. Mas não vai ser o público alvo.

JOÃO BOSCO – Ah! Não. Com certeza, não. Exatamente. É interessante para nós ver esse diagnóstico, essa prospecção, para podermos atuar.

TAÍS PITTA COTTA – (108:34 Inaudível.)

JOÃO BOSCO – Não. Tudo bem. Só para entender.

Obrigado.

WALTER FRANÇOLIN – Ruy, Sindilub.

RUY RICCI – Eu gostaria, primeiro, pedir ao Hassan, que coloca muito bem as coisas, qual o objetivo dessa nossa reunião.

Eu estou entendendo que o objetivo é identificar para onde vai o óleo que vai para lá. Nós sabemos o óleo que vai para lá. Nós temos esses números do óleo que vai para lá. Nós sabemos o que se consegue coletar. O nosso problema é saber o que não se coleta e para onde vai.

Eu vou-te adiantar, e até proponho, talvez numa reunião de *petit comité* de gente, onde as pessoas que trabalham, eu já trabalhei naquela região, o pessoal do Sindicom, nós temos uma perfeita noção das dificuldades que tem a região para se coletar o óleo e para onde vai o óleo.

Vamos lembrar aqui, nós estamos falando em Manaus, onde há uma dificuldade muito grande. Em Manaus, o número de postos de serviços em Manaus é muito pequeno. O número de postos na cidade de Manaus é muito pequeno, é restrito.

As indústrias, nós temos lá uma grande indústria que é a Honda. Eu montei uma operação há muito tempo atrás, que ainda opera, vai lubrificante para a Honda e volta lubrificante da Honda em container, usado da Honda.

Agora não tem outras grandes indústrias de consumo, porque lá são indústrias de montagem de eletrônicos. Então há uma demanda.

O grande problema lá está na navegação fluvial. Porque quem consome todo o óleo lubrificante que vai para lá, automotivo que vai para aquela região é para aquele tráfego enorme, o número de embarcações que tem, e controlar esse óleo que sai! Primeiro nem sei se eles trocam, porque são aqueles barcos em relação aos quais nós sabemos até as notícias aí, eles vão queimando óleo e tal. E se eles trocam, eles trocam em qualquer lugar.

TAÍS PITTA COTTA – No rio.

RUY RICCI – Inclusive no rio.

Eu acho que, tudo bem, o esforço de ir para lá, lutar, há um custo todo envolvido, somente os sindicatos, é questão de tempo, mas nós temos de ter um objetivo muito claro. Nós já podemos ir com os números do volume que é destinado para lá. Nós podemos ter idéias e dar. Na Fecombustível temos reunião toda semana, desculpe, uma reunião mensal com a Fecombustível, onde estão todos os Presidentes dos Sindicatos. Trarei na próxima reunião. Não há problema. Eu pedi ao Presidente, ou vamos amanhã mesmo passar um *e-mail* para ele pedindo informações sobre os postos de Manaus, o que ele pode me dar, que destino, o que está acontecendo com o óleo usado naquela região.

Então, só para não termos uma decepção de um grupo ir lá, então vamos definir o objetivo, se é esse público alvo realmente, que é muito importante nós conseguirmos reunir. Porque se não vamos gastar energia, tempo...

RICARDO BAPTISTA – É chover no molhado.

RUY RICCI – É chover no molhado.

Era esta a observação que queria fazer. Não desestimulando. Então, estou junto, sou voto vencido. Não sou de fazer dificuldade. Mas estou passando um conhecimento e experiência dos problemas que existem naquela região, que eu acho que já é de conhecimento da maioria.

Obrigado.

WALTER FRANÇOLIN – Mais alguma manifestação? (Pausa.)

WALTER FRANÇOLIN – Senhor Coordenador, existe uma proposta do Sindilub para que a Fecombustível se faça presente na reunião de agosto. Eu gostaria que isso ficasse...

RUY RICCI – Consignado.

WALTER FRANÇOLIN – ...aliás consignado e se for possível decidir pela presença.

RUY RICCI – TRL.

WALTER FRANÇOLIN – TRL.

RUY RICCI – TRL por uma questão que eu posso levantar. Quanto à Fecombustível, eu posso pedir na reunião, ou passar um *e-mail* pedindo aos Presidentes dos Sindicatos daquela reunião que possam passar alguma informação.

Por isso eu acho que deve ser um objetivo muito claro, e nós todos falando com força aqui que o nosso objetivo é ir lá identificar para onde vai o óleo que vai para aquela região ... (113:01). Isso fica mais fácil de obter e de compilar.

WALTER FRANÇOLIN – Nilton Bastos.

NILTON TORRES DE BASTOS – Nilton Bastos, do Sindirrefino.

O que me preocupa hoje é que precisamos ter, e eu acho que este é o grande objetivo, seria o grande objetivo dessa ação naquela região é ter um diagnóstico oficial.

Nós, a inteligência que cuida do setor de óleo lubrificante usado, reunida, percebeu, discutiu e avalizou que o problema lá é esse.

O que acontece hoje? Acontece que as percentagens de coleta lá no Norte podem dar a mais ou a menos. Enfim, tem uma série de problemas.

O Sindicom, as companhias do Sindicom já fizeram um trabalho enorme lá junto com o pessoal da Procuradoria do Estado e tal. Mas virou uma litigância lá. Entendeu?

Eu achei que as providências no sentido de resolver o problema, quer dizer, uma vez que uma entidade privada não tem poder de polícia, não tem condições de ter esse tipo de ação, ficaram complicadas.

Então, se correr o bicho pega. Se ficar, o bicho come.

Então nós estamos escondidos atrás desse tipo de coisas.

Então eu acho que a idéia é boa no sentido de nós aclararmos isso, deixar oficialmente. Não adianta. Porque o Ministério Público quer e está acabado. Muito bem. Quer e está acabado, e aí como é que faz? Como é que controla? Como é que chegamos lá? É possível de ser controlado? Temos um plano de metas? Temos, sabe, um diagnóstico com que possamos trabalhar em cima, e que seja esse diagnóstico oficial não só de uma fonte que é reativa, uma conclusão construtiva, quer dizer, o que dá para ser feito. Entendeu? Para gerar os confortos necessários.

Nós mesmos, eu e minha empresa, e aqui não estou falando como empresa, e vou dar um exemplo: há empresas que querem que coletamos no Norte. Eu digo: “Mas nem morto!” Para coletar no Norte e fazer a coisa certa, como fazemos, quer dizer, coletar o óleo, tirar o certificado direitinho, trazer o óleo para a refinaria e tudo mais “bonitinho” vai custar uma fortuna. O preço vai ser esse e vão dizer: “Ah, mas não posso pagar isso!” Então, não vou lá, além do que vou ter que contratar “capangas” para coletar o óleo, porque não vai ser fácil. Precisarei de uma Tropa de Choque! Portanto, o serviço é caro. Dá para fazer? Dá! Tenho que competir com a transgressão e esse é o ponto.

Então, até acho que, do ponto de vista do Ministério propriamente dito e de todos nós, muitas vezes somos cobrados por ações que estão lá dentro. O pessoal de lá tem que tomar uma providência, tem que ter a Polícia lá e no dia-a-dia. Não é possível que não exista a Polícia Militar lá, que não exista uma Polícia Civil, que não exista uma Polícia Florestal, enfim que as coisas não funcionem! Todo mundo “vendado”! Esse é o ponto. Sabemos disso.

Acho que se tivermos esse diagnóstico será nossa grande oportunidade, ou seja, não fugir do assunto. Transparência temos de sobra aqui, graças a Deus! Todas as entidades estão sabendo, estão participando, mas chegar lá e falar o diagnóstico: “E agora? E a solução?” Não adianta querer chamar o coletor para ir até lá e partir para a “pancadaria”! Não dá. “Ah, o outro tem que patrocinar!” Não dá. Nem ele pagando eu consigo, porque além da transgressão existe o problema do sujeito ter que derrubar as árvores! Existe um contingenciamento na compra do óleo para as moto serras – e que é até um controle que se faz. Logo, existe mais esse problema. Se você apertar, vai aumentar mais ainda.

É uma ação integrada, são vários os fatores. Agora, acho de extrema importância que seja feito e que tenhamos o conforto de não estar fechando os olhos para uma coisa que estamos vendo errada.

Esse é o meu sentimento enquanto empresários e, muito mais, como brasileiro de ver isso tudo, porque devemos ter uma solução para tudo aquilo.

A solução passa por uma série de fatores e acho que o caminho da “coisa” é essa prospecção oficial.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Tem a palavra a Sra. Tatiana Petricorena.

TATIANA PETRICORENA – Quero fazer um registro: em primeiro, a ANP se compromete a trazer na próxima Reunião o levantamento das metas regionais e do País alcançadas no primeiro trimestre de 2008.

Acho que devemos estar atentos a isso, porque essa Portaria nº 464, em termos gerais, como este Grupo é de Monitoramento e Acompanhamento disso, vai nos retratar o que pode estar acontecendo na Região Norte e quais as nossas perspectivas, inclusive de atender essas metas para este ano e aumentar essa meta para

o ano que vem. Daí o nosso esforço também vinculado a essa região, porque fiz um exercício – e não quero falar, porque não tenho aqui os dados para mostrar aos senhores – dentro de casa, para mim, no ano de 2007 e, para a Região Norte, cheguei à conclusão que é bem aquém do que esperamos atingir este ano.

Então, entendo que deva haver um esforço muito grande dentro da Região. Acho que será importante trazer esses dados para a próxima Reunião. Não trouxe hoje, e deveria ter trazido, porque ainda existem coisas que não estão consolidadas. Como os senhores sabem, checamos, re-checamos, pedimos para consertar se existir alguma coisa que não esteja coerente, pedimos explicações. Então, é importante e acho que vai nos ajudar.

COORDENADOR (Edmilson Rodrigues da Costa) – Gostaria de dizer a todos do prazer de termos realizado mais uma Reunião Ordinária do Grupo, declarando encerrada esta 11ª Reunião Ordinária do GMP da Resolução Conama nº 362, de 2005.

* * *